

Encadernação Cunha

Praça B. Lucena 43

RECIFE

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Enca

Pra

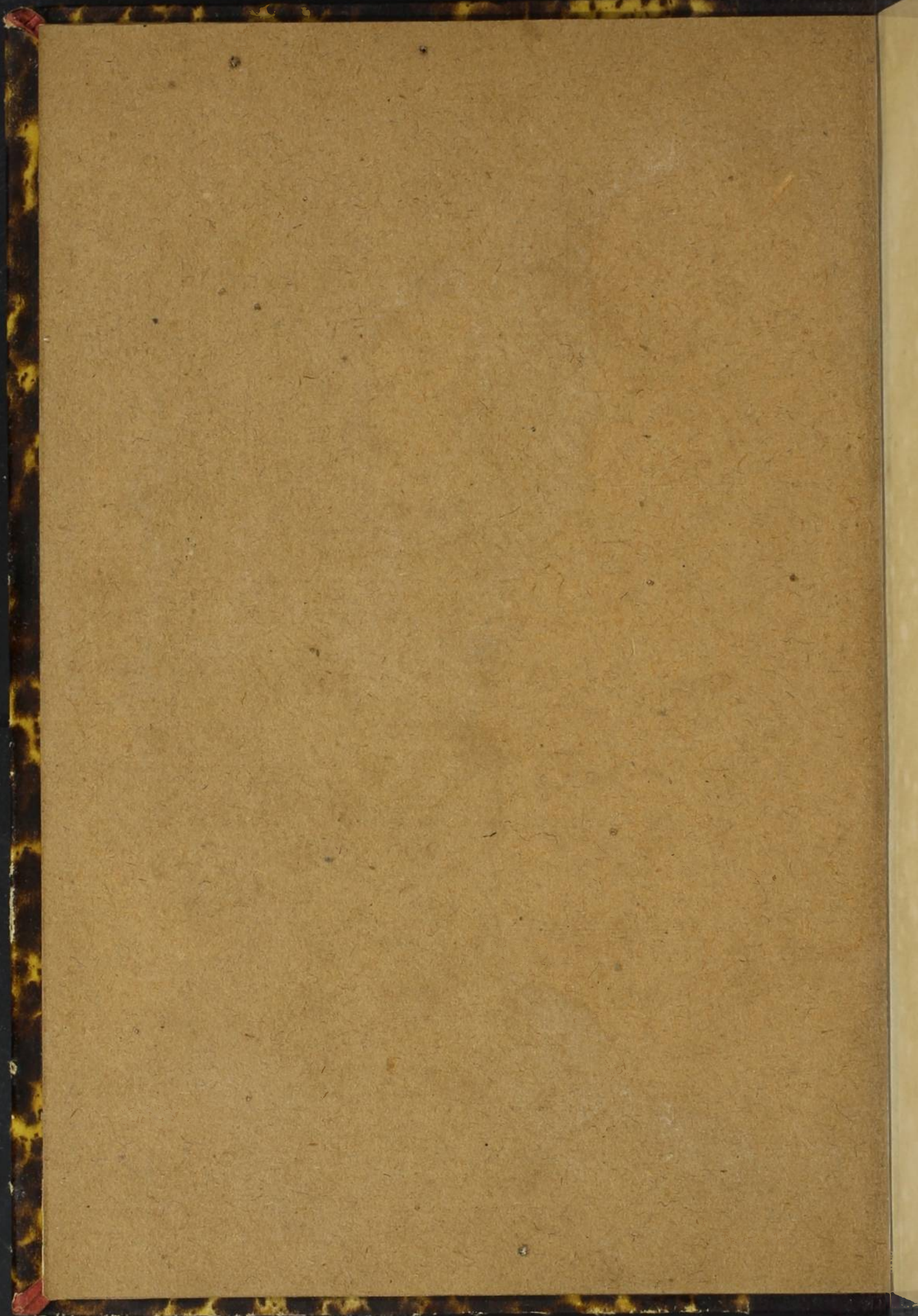


CANÇÕES
DO VENTO
E DO SOL



POR

AFFONSO LOPES VIEIRA



CANÇÕES
DO VENTO
E DO SOL

DO MESMO AUTOR:

PARA QUÊ? (1897).

NÁUFRAGO.

AUTO DA SEBENTA.

O MEU ADEUS.

O POETA SAUDADE.

« MARQUES ».

CONTO DO NATAL.

O ENCOBERTO.

AR LIVRE.

O PÃO E AS ROSAS.

O POVO E OS POETAS PORTUGUESES.

MONÓLOGO DO VAQUEIRO (GIL VICENTE).

Oscar
de Araújo Filho

CANÇÕES
DO VENTO
E DO SOL

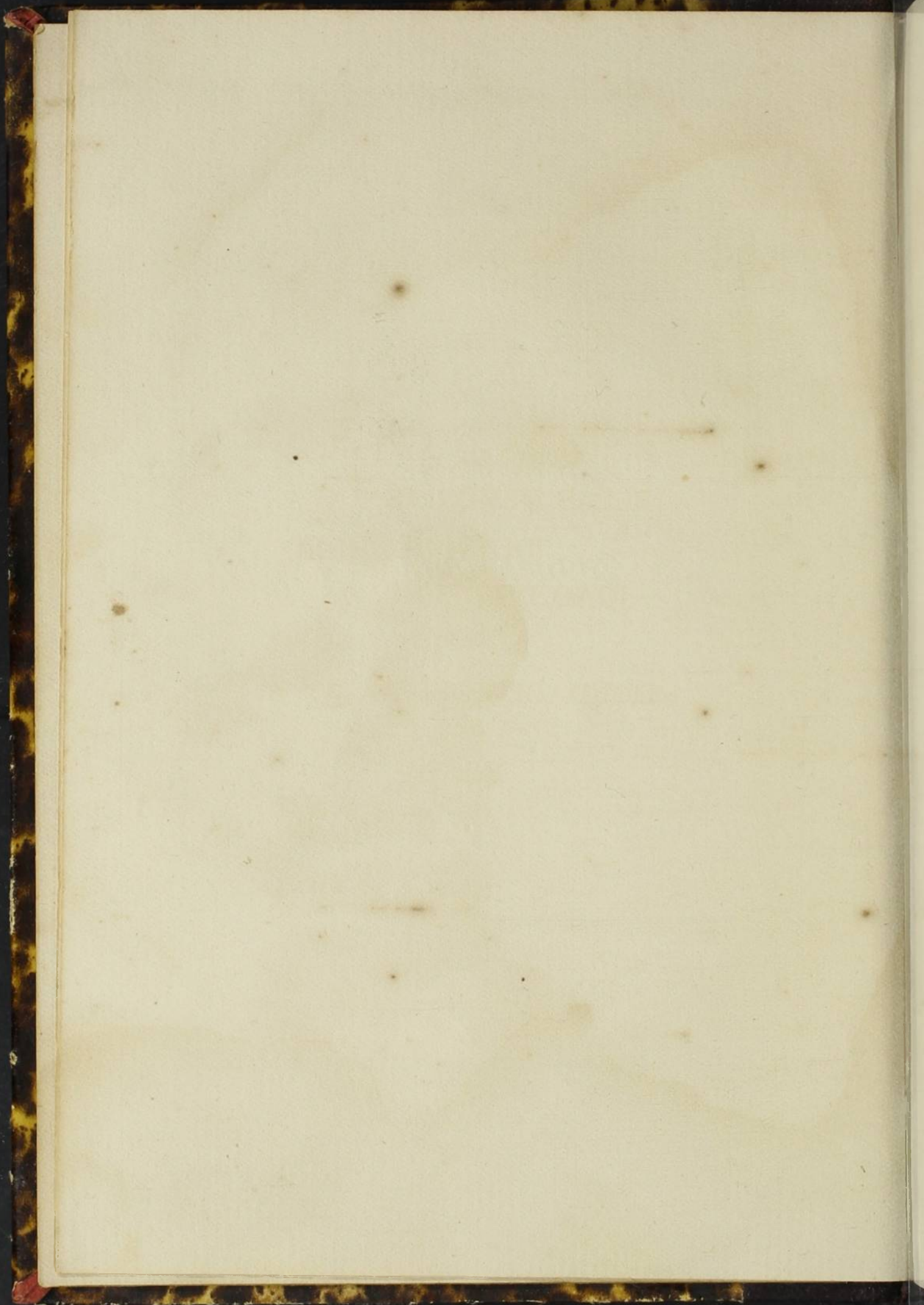


POR

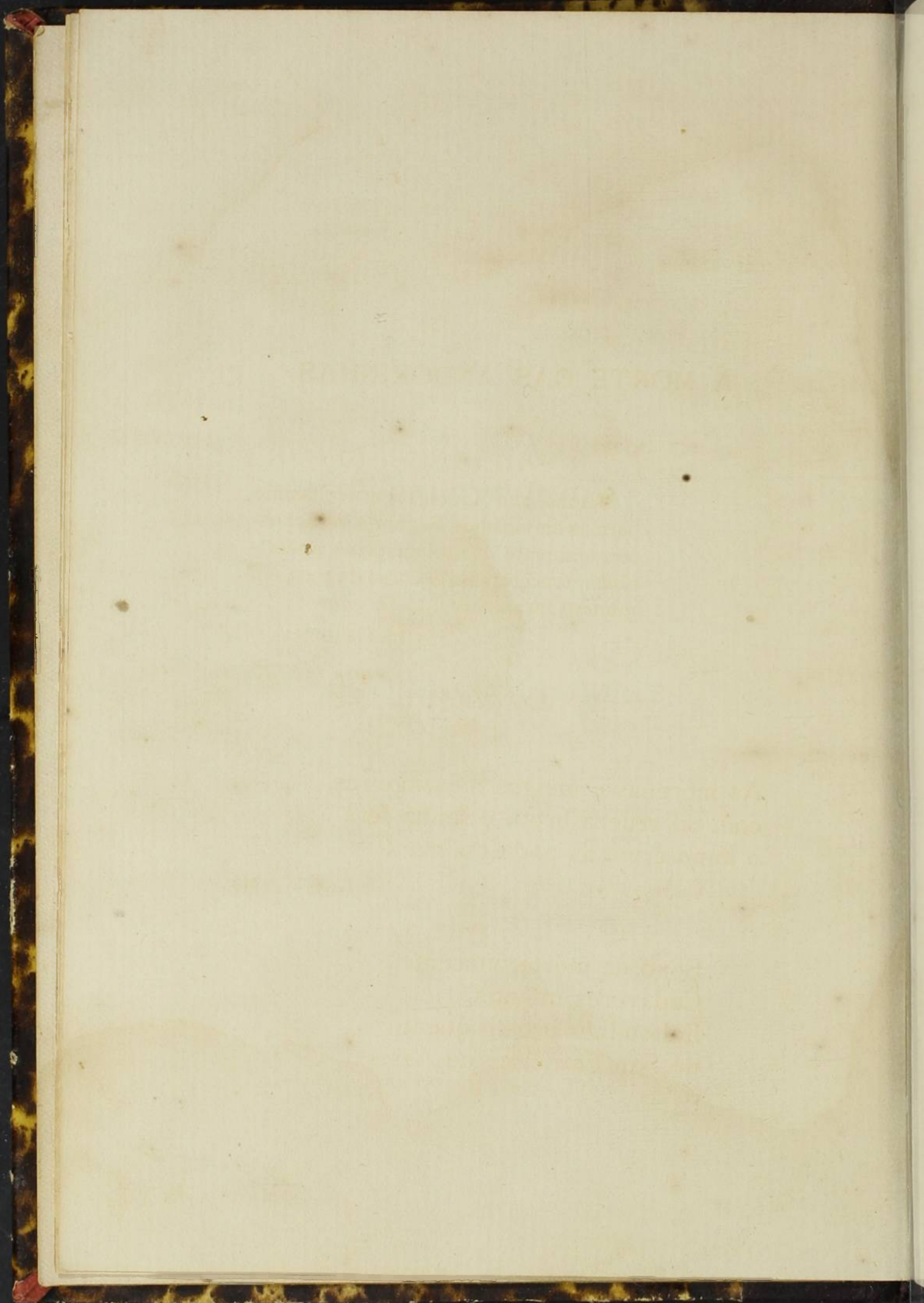
AFFONSO LOPES VIEIRA

TYP. " A EDITORA " — CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

DEDICATÓRIA



ÁS
BELAS MEMÓRIAS
DE
JOÃO DE DEUS
E
TRINDADE COELHO



A MORTE DAS ANDORINHAS

O anno que findou foi crudelissimo para as andorinhas. Segundo W. Schuster, eminente ornitologista, as andorinhas pereceram no decurso de 1909, em numero incalculavel...

DE UM JORNAL

ELEGIA

As morenas e meigas mensageiras,
com tal crueza bruta e sanha fera
o anno cruel as pôde dizimar!

Sono de morte, inocente!
Cadáveres infantis!
Faltou-lhes o bafo quente
de San Francisco de Assis...

Na próxima, na triste Primavera,
das suas asas ligeiras
sente-se viuvo o ar...

E os namorados, pálidos, olhando
os ninhos abandonados,
ficam-se, mudos, scismando...

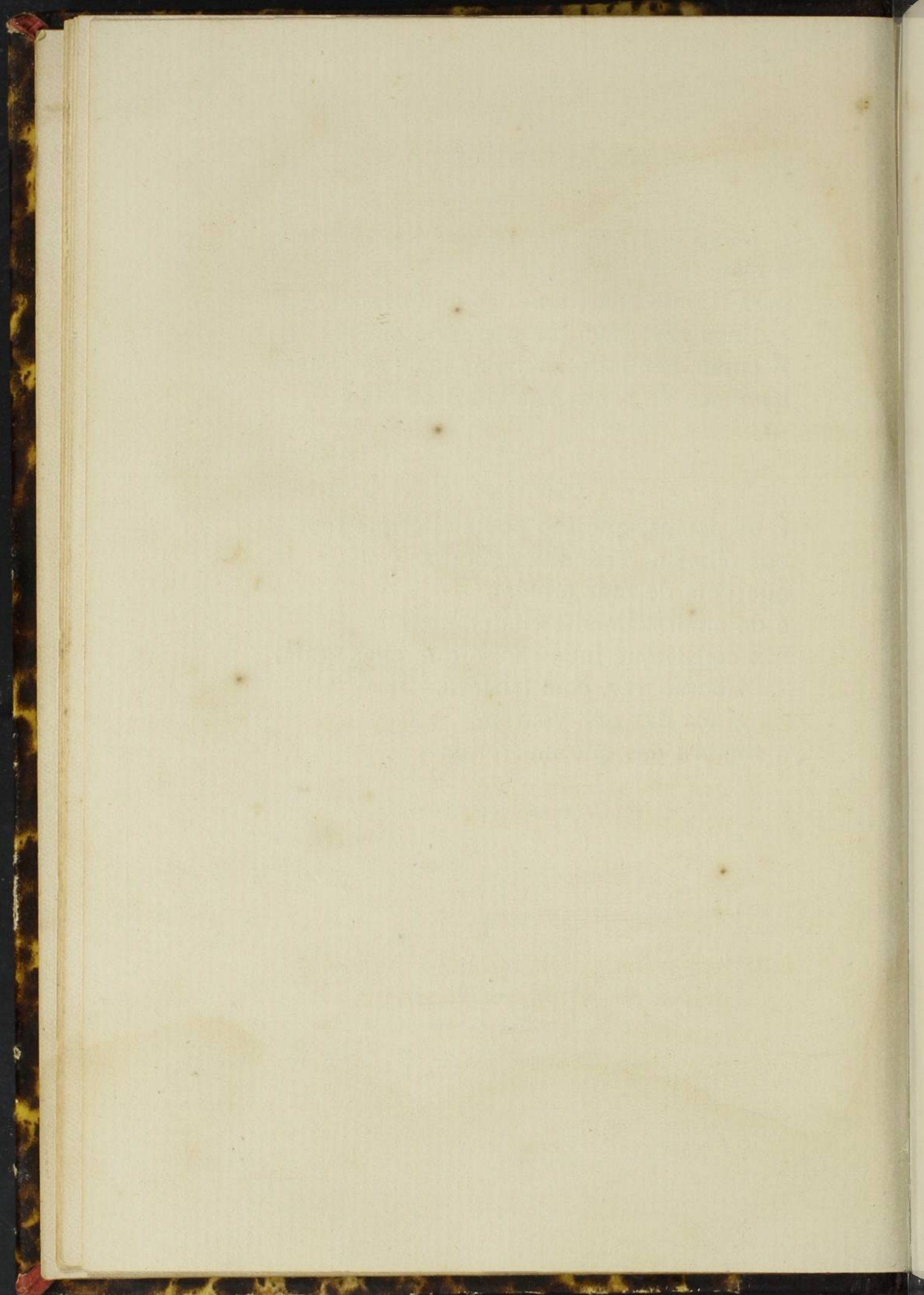
E os beirões acolhedores das casas,
todos saudosos do afago,
tão vago e leve, das asas...

E ora dirão as águas ribeirinhas
onde bebiam outrora:
— Que é feito das andorinhas?

E perguntam as flores, pensativas:
— Que é feito de aquelas flores
que passam no ar, tão vivas?

E serão negras, em Abril, as horas belas,
ó meu amor,
para ti, que amas tanto as andorinhas
e o seu regresso que põe tudo em flor!
E então, sentindo as almas mais sozinhas,
havemos de sentir saudades de ellas...

E os poetas, que são poetas porque têm
nos olhos a recôndita agudeza
que vem de fitar o além,
e de amorosamente contemplarem
nas coisas que inda são, o que ellas eram,
— saberão ver, com tristeza,
na graça das que voarem,
a sombra das que morreram...



RESURREIÇÃO

Tão leves como o ar breve de um riso
na face das criancinhas,
voaram as andorinhas
ao jardim do Paraíso.

Inda iam transidas da agonia
que a Terra ingrata lhes dera,
saudosas da Primavera
e geladas da invernã.

Mandou-lhes Deus abrir de par em par
a cancela do jardim,
e ellas entraram a voar
na eterna Glória emfim!

O velho operário, Deus, na oficina
estava a fabricar mundos;
e punha os olhos profundos
na sua obra divina.

Vestia aquella blusa desbotada
que já o cobria então,
quando, na bela empreitada,
construira a Criação.

E as andorinhas ao Senhor falaram,
e elle, as barbas cofiando,
foi benévolo escutando
as queixas que chilrearam.

Assentado no banco do jardim,
ouvia a fala dorida
contra a Terra, contra a vida
que as mortificára assim...

E, pouco a pouco, a alma do Velho antiga
se internece e se desola,
como um avô que consola
um neto que choramiga.

« Pobres piquenas! » (disse Deus, tirando
os óculos de Spinosa.)
« Pobres piquenas! » (limpando
uma lágrima teimosa.)

« Mas ficareis aqui, no Paraíso,
alegrareis estes céus
e os velhos dias de Deus
co'a graça de esse sorriso.

“ Por estes ares perenemente suaves,
pelos celestes caminhos
voareis, e ao dos anjinhos
se ajunta o vôo das aves... ”

Agradeceram, muito comovidas,
as andorinhas aquela
hospitalidade bela,
a tanto favor rendidas.

Mas em breve procuram o Senhor
e lhe dizem, volteando
no perenemente brando
clima sem nuvens nem dôr :

“ Temos saudades já de aquele mundo
onde se sofre e se chora :
e este desejo fecundo
às nossas asas aflora !

« Temos saudades já de esses beirões
das casas onde fizemos
os nossos lares, que enchemos
com os beijos nupciaes !

« Temos saudades já de uma janela
onde se inleiam as rosas,
lá onde, por cima de ella,
fomos mães laboriosas !

« Temos saudades já de essas aragens
que as asas cortam nos ares ;
das nossas longas viagens
por cima dos longos mares !

« Temos saudades já de essa dureza
do mundo onde se padece,
onde se ama, e se esquece,
quando se ama, a tristeza !

« Senhor, deixae-nos ir! Por piedade,
fazei-nos a doce esmola:
abri a porta á gaiola
que incerra tanta saudade! »

Abriu-lhes Deus, então, de par em par,
a cancela: e ellas, voando,
para a Terra, chilreando,
vieram sofrer e amar!...

AS VELHAS ARCAS

As velhas arcas, contendo
os oiros e os bragaes,
pouco a pouco envelhecendo,
nos lares ficaram sendo
amigas leaes.

Guardaram peças mimosas
de roupa, que fôra outrora
a graça dos inxovaes;
e cheiram a trigo, a rosas,
e àquele aroma que aflora
das coisas que não são mais...

Guardaram os lindos oiros
da mulher — as arrecadas,
os preciosos rocaes
e os cordões, que ella trazia
como prendas adoradas,
como bem ganhos tesoiros
onde o claro Sol luzia.

Sobre os tamos resistentes
das fortes arcas antigas,
sentam-se filhos e pais ;
os velhos, co'as saudades e as fadigas,
e os meninos, contentes,
que alegam todos os mais...

E assim, a pouco e pouco, invelhecendo,
nos lares ficaram sendo
amigas leaes.

O BOI Á NORA

C'est alors que chacun pourra suivre
librement sa voie : le travailleur accom-
plira l'œuvre qui lui convient. .

ELISÉE RECLUS.

Como a fatalidade lento e sério,
como quem cumpre um rito de mistério,
— cansado puxa o velho boi á nora...

Cantam em roda as águas e os ninhos,
e os caminhantes vão pelos caminhos.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Florido Abril. E já floresce a terra
e andam sobre ella o amor e a velha guerra.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Os namorados colhem com desejos
o fruto eterno e inédito dos beijos.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Diz uma flor a outra flor: — Que linda
hein?, esta luz que sobre nós se alinda!
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Diz um moço a um velho: — Por que choram
a mocidade os velhos, que a deploram?
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Diz a mulher do cavador, zangada:
Trabalhar sempre, e nunca termos nada!
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Diz um banqueiro — a boca má, franzida:
Cada vez mais estúpida, esta vida!
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Já a brasa do Sol do céu derrama
a chamejante e fulgurante flama.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Os rios correm para o mar, com pena,
que o mar é a glória, e a mediania é amena.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Publicam as cigarras seus anciosos
versos, que os campos acham deliciosos!
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Outono triste. E as vinhas maternas
dão os seus rubros filhos joviaes.
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Choram prantos no ar os arvoredos;
tudo sussurra palidos segredos...

— Cansado puxa o velho boi á nora...

E chega o Inverno, e pelos ares turbados
a chuva e o vento dansam abraçados.

— Cansado puxa o velho boi á nora...

Dansam, cantando, ao vir das suas bodas,
cantam, dansando sobre as coisas todas.

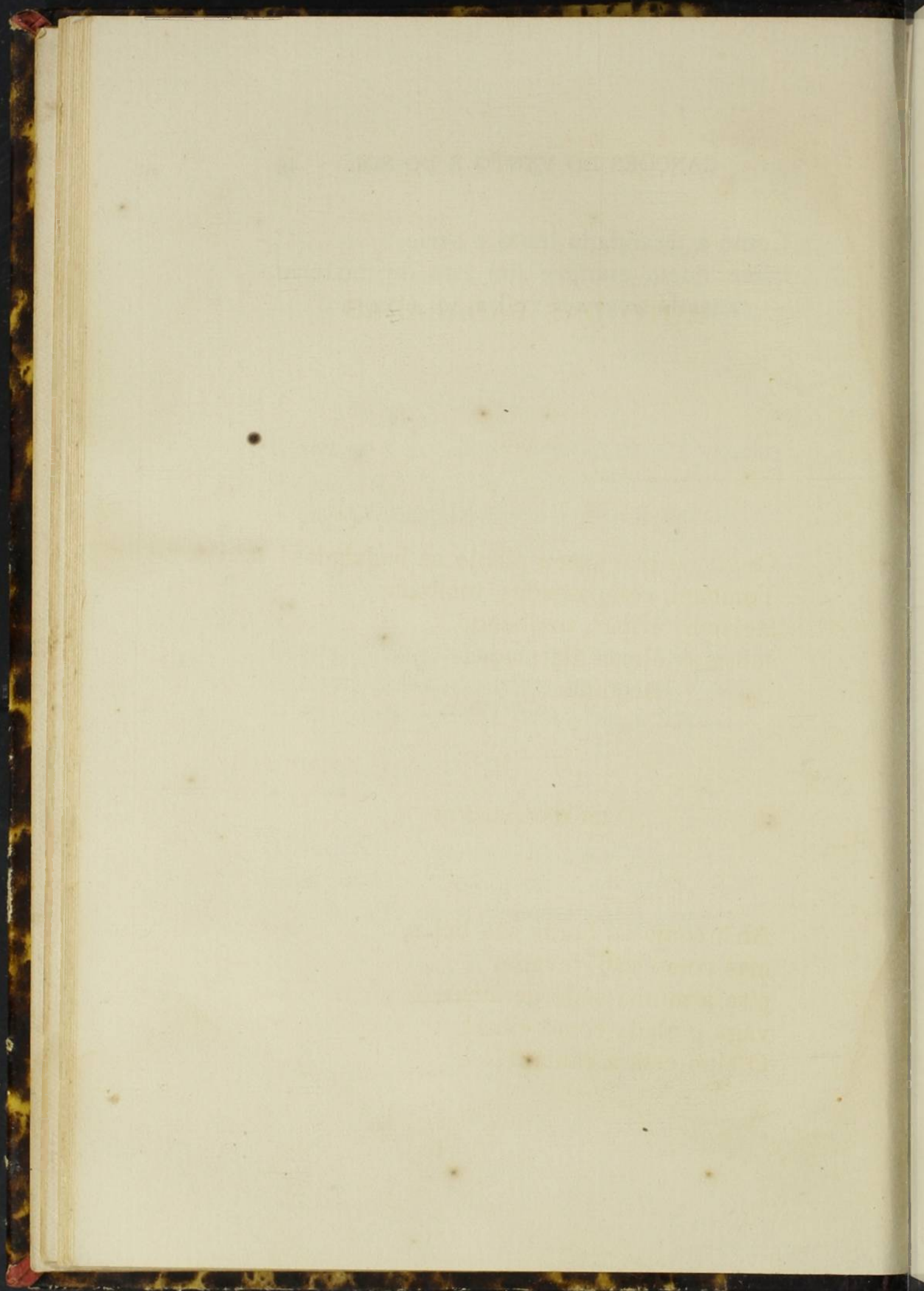
— Cansado puxa o velho boi á nora...

Abraçados, dansando, a palpitar,
elles beijam-se e casam-se no ar!

— Cansado puxa o velho boi á nora...

.....

Como a fatalidade lento e serio,
como quem cumpre um rito de mistério
— cansado *morre* o velho boi á nora...



AUTO DAS BADALADAS

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UM ADOLESCENTE:

Ah!, como as horas são belas,
mas como vão devagar
p'ra a minha sêde de amar,
vaga e alada como ellas!
O sino está a cantar...

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UMA RAPARIGA que espera o seu namorado:

Como as horas cantam belas,
mas como devagarinho,
trôpegas, pelo caminho,
ellas andam, passam ellas...
Ah!, que se as horas amassem
e esp'rassem
nesta dôr,
mais depressinha andariam,
correriam
para ver o seu amor...

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UMA MÃE que embala o filho:

Meu Deus!, que me disse agora
esta grande voz incerta
de este sino
sempre àlerta,
este soluço da hora
que assustou o meu menino?
Dorme, meu menino, dorme...

O MENINO:

Ó mãe, tenho medo!

A MÃE:

Dorme...

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UM VELHO:

Como as horas eram belas
mas como iam a voar,
p'ra minha sêde de amar
vaga e alada como ellas!
O sino está a chorar...

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UMA VELHINHA:

Outrora, cantavam belas
e iam devagarinho
as horas pelo caminho...
As de hoje são a sombra triste de ellas!
Ai, que se as horas tivessem,
como a gente, uma lembrança,
talvez para traz volvessem
a pressa que jamais cansa...

O SINO:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas êrmas, tombando
sobre as almas alarmadas
escutando...

UM ECO:

... as almas alarmadas
escutando...

BALADA DO MIRANDUM

DO DIALECTO MIRANDÊS

Mirandum foi para a guerra,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
Mirandum foi para a guerra,
não sei quando voltará,

se voltará pela Pásqua,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
se voltará pela Pásqua,
se p'la Trindade virá.

Mas já a Trindade chega,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
a Trindade passa já,
e Mirandum sem voltar.

Subiram a uma torre,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
subiram a uma torre
para ver se se avistava.

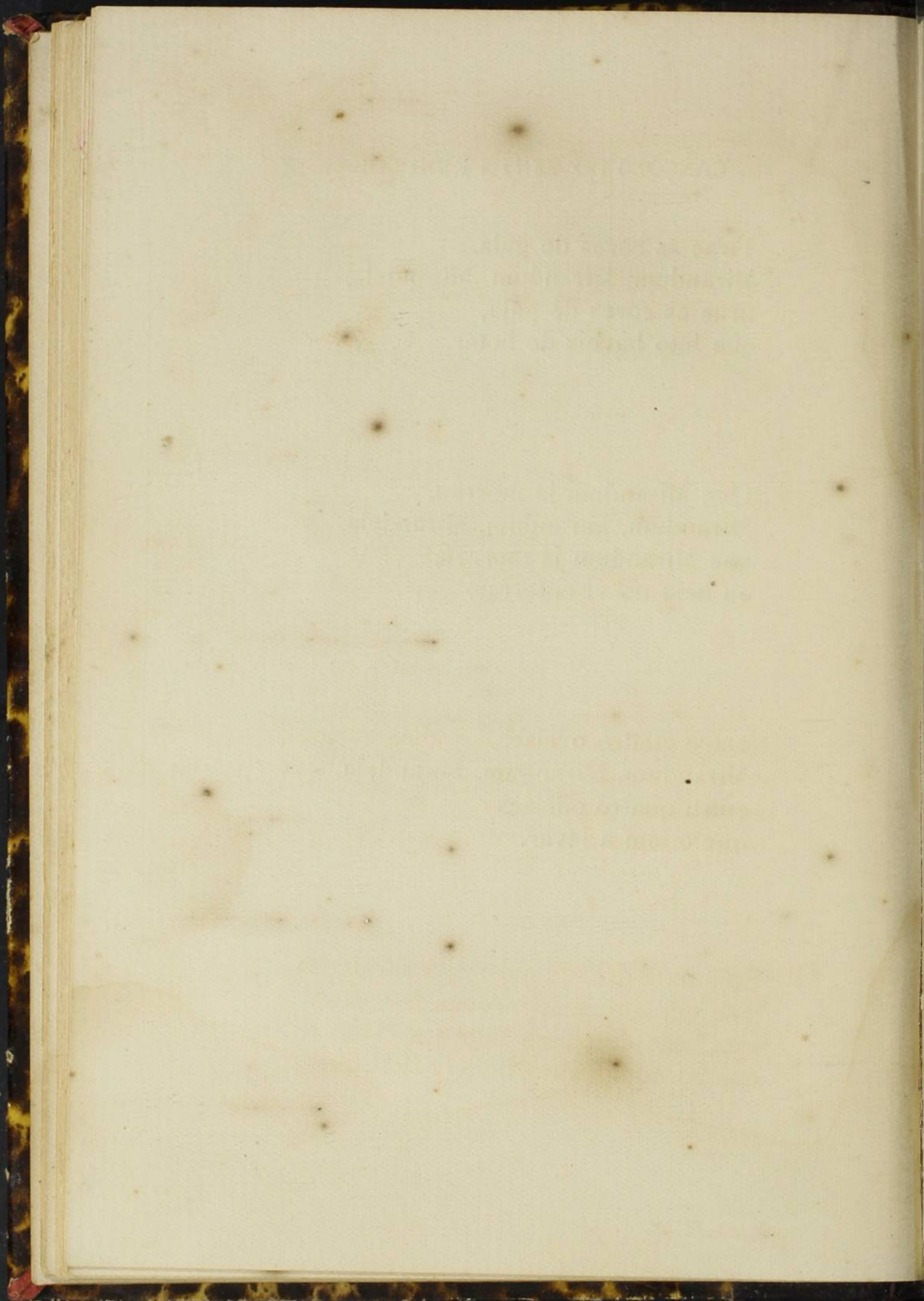
E viram que vinha um pagem,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
e viram que vinha um pagem...
Que novidades trará?

— As novidades que trago,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
as novidades que trago
vos hão de fazer chorar!

Tirae as côres de gala,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
tirae as côres de gala,
que luto haveis de botar.

Que Mirandum já morreu,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
que Mirandum já morreu,
eu bem no vi enterrar,

entre quatro oficiaes,
Mirandum, Mirandum, Mirandela,
entre quatro oficiaes
que o iam a levar.



LIÇÃO NA FLORESTA

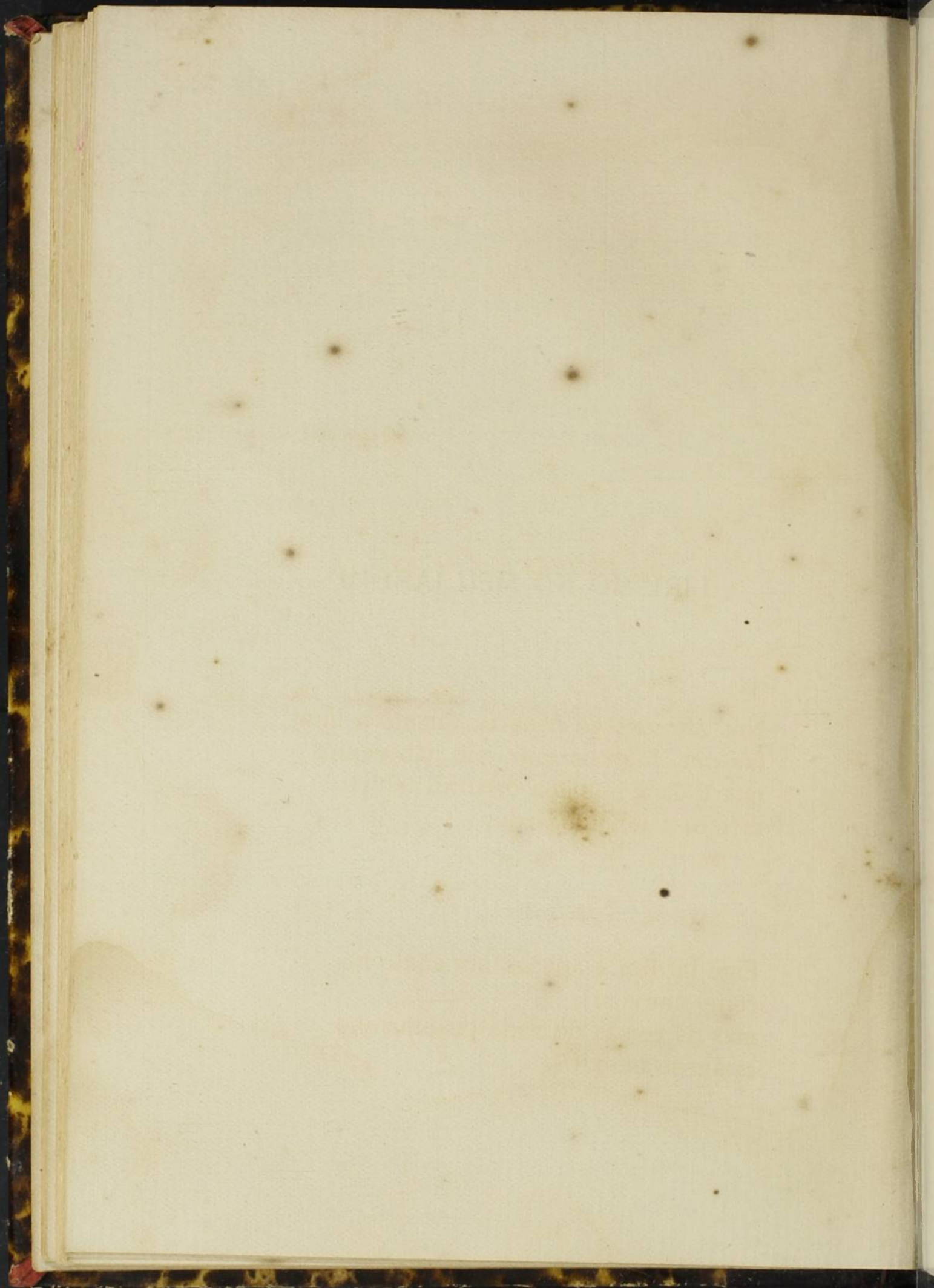
Meu livrinho na mão, e a alma anciosa,
ó verde escola, eu venho p'ra aprender
nesta vasta cartilha rumorosa
o esplendido a b c do teu saber!

Sê o meu grande mestre, a carinhosa
mãe que me ensine, como deve ser,
esta lição de coisas amorosa
que na minha alma fique a florescer.

Do sêco areal fizestes vós, por graça
de essa heroica humildade, este jardim...
E eu quero ser heroico e humilde, assim!

... Mas a voz dos pinheiros me traspassa,
longa rebôa e diz-me a murmurar:
— O que é preciso, o que é preciso é — AMAR.

LIRISMO NO MEU JARDIM



AS FLORES E A HORTA

Nos *Direitos do Homem*, quanto a mim,
faz uma falta enorme que não venha
que toda a humana criatura tenha
direito a ter um jardim!

Este jardim é apenas um cantinho,
como convém;
mas as coisas do rude jardimzinho
criam-se bem.

Temos cravos vermelhos a cantar
com rubra voz,
que perfuma, com a côr e o cheiro, o ar
em roda a nós.

Temos os girasoes, que todo o dia
olham de frente
o Sol, e ensinam, simples, a alegria,
heroicamente.

Temos as sardinheiras, — raparigas
filhas do povo,
que vão p'ra a festa com seu lenço novo
e a rir cantigas!

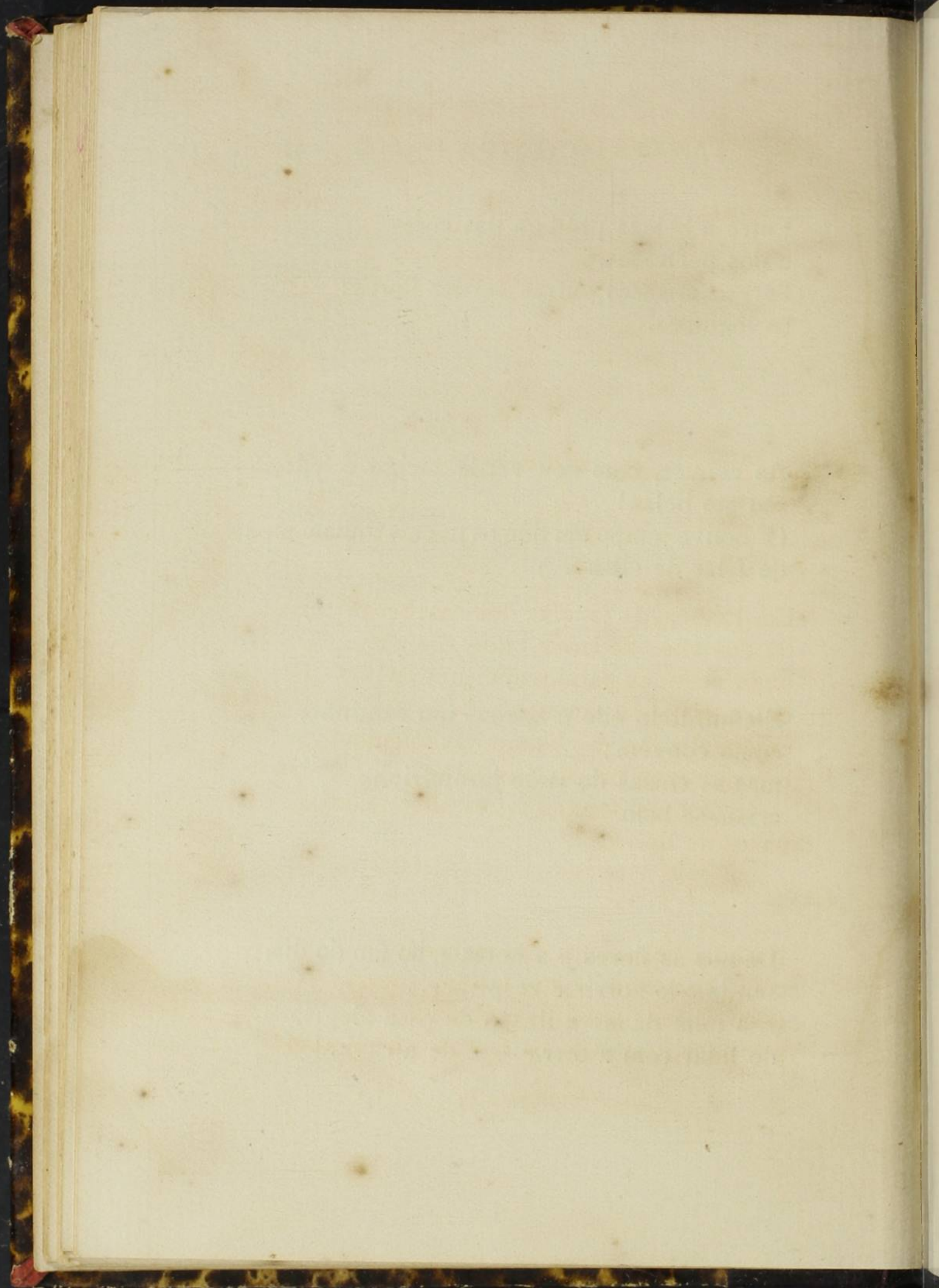
Temos as rosas bravas, linda flor
do meu amor;
e as doces moreninhas dos poetas:
as violetas.

Entre a beleza pródiga das côres
e dos perfumes,
florescem essas outras verdes flores:
os legumes.

As couves, com seu verde meigo e ledó,
são tão belas!
(E houve tempo em que os poetas tinham medo
de falar de ellas...)

Emfim, todo elle é apenas um cantinho,
como convém;
mas as coisas do rude jardimzinho
criam-se bem.

Dá-nos as flores e a horta e, ao fim do dia,
sentimo-lo sorrir e respirar...
E a mim dá-me a ilusão de essa alegria
de lidar com a terra — e de a cavar!



POBRES

Em Lisbôa, ás janelas dos casebres
ou dos altos andares, onde agonias,
onde destinos pálidos murmuram
entre pragas e dôres,
emquanto vão murchando as anemias
e rumorejam no suor as febres,
— os pobres, muitas vezes, dependuram
vasos de flores.

Na horrivel secura das fachadas,
como comovem, como me internecem
essas flores humildes e cuidadas
por pobrezinhas mãos que as estremecem!

As tristes mãos exiladas
de despaisadas aldeans saudosas
da terra verde e san, donde o destino as trouxe
para as casas sombrias e afogadas
na confusão hostil das ruas populosas
da Lisbôa do mármore e da tosse!

Que nostalgias fundas adevinho
na ternura dos pobres jardineiros,
no seu carinho
por aqueles pobrissimos canteiros!

E estes contam saudades e amargura,
falam do ar livre e, em toda a sua mágua,
dizem que *lá* a vida é menos dura,
com chão de terra, e luz do Sol, e graça de água!...

Então, entre a aridez da triste vida,
entre a fadiga van da sorte crua,
pobres olhos curvados para a lida
— sorriem á ilusão de essa terra florida
que perfuma e alegra o egoismo da Rua...

ORAÇÃO P'LO PORCO DOENTE

Frei Paço — De que te queixas, vilão?

Vilão — De Deus, que é coisa provada
que me tem grande tenção.

GIL VICENTE.

A mulher do cavador,
com grão dôr no coração,
achou doente o porquinho,
coitadinho!
E erguendo as mãos aos céus,
resou, chorando, ao seu Deus,
esta oração:

— Senhor, que ha de ser de mim,
meu Deus, que ha de ser de nós,
se não ouvis esta voz
que de aqui vos brada assim?

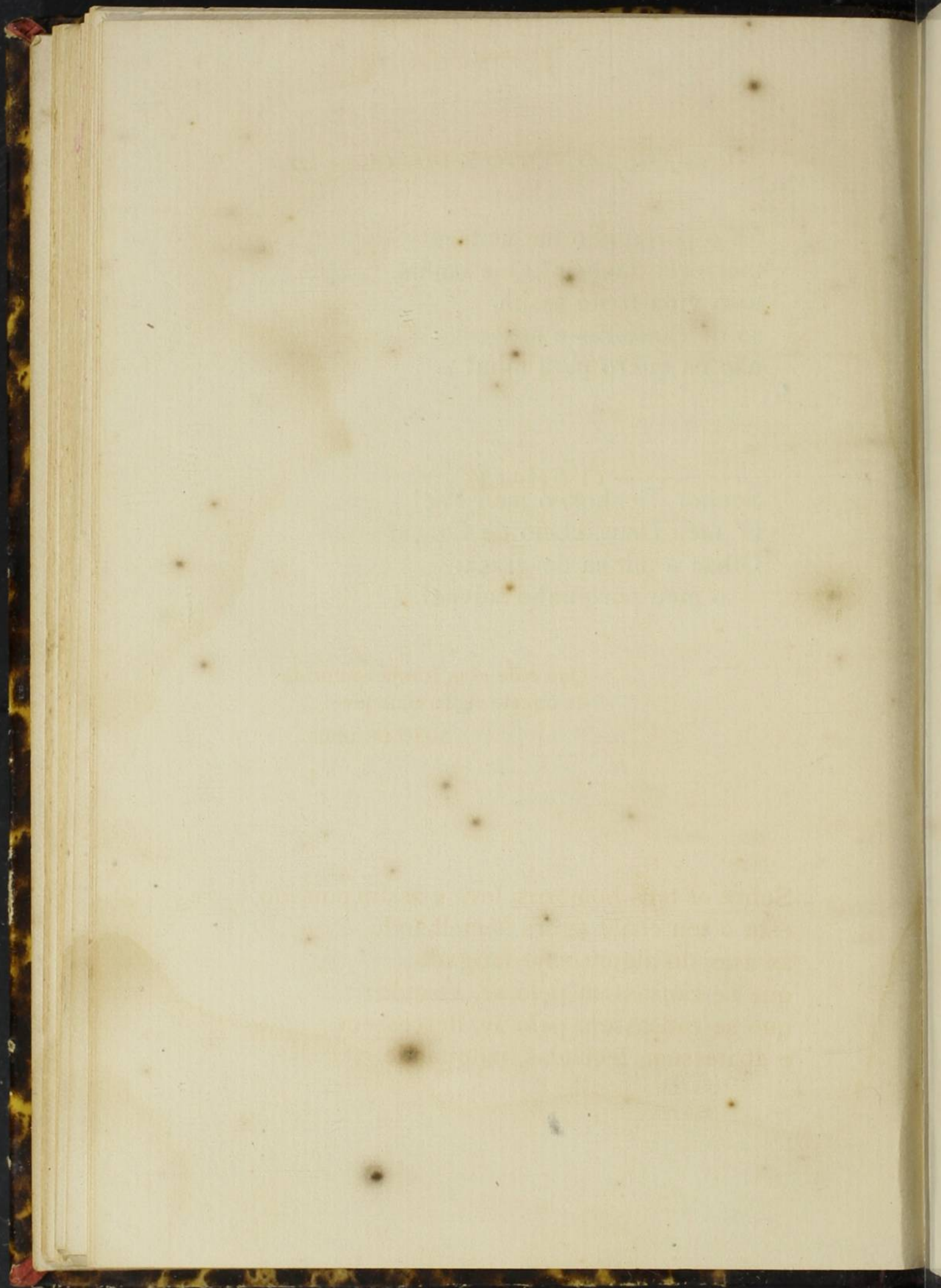
Tende piedade, Senhor,
amerceae-vos, meu Pae:
por obra do vosso amor
o meu porquinho salvae!

Esta dôr que me consome,
não é a maior que existe?
Se o mataes, na casa triste
virá assentar-se a fome!

Tão lindo m'elle crescia,
tão lindo m'elle ingordava!...
— Meu Deus: que pecado havia
na minha alma, que mer'cia
castigo tal, dôr tão brava?

Se o porquinho me mataes,
morrerei tambem! Que emfim,
uma vida triste assim,
só de canseiras e ais,
não na quero para mim!

Senhor, Senhor, ó meu Pae!
O' meu Deus, cheio de Graça!
Olhae a minha desgraça:
— o meu porquinho salvae!...



O CHALE

Que é de essa franja comprida
de aquele chale mais leve. . .

JOÃO DE DEUS.

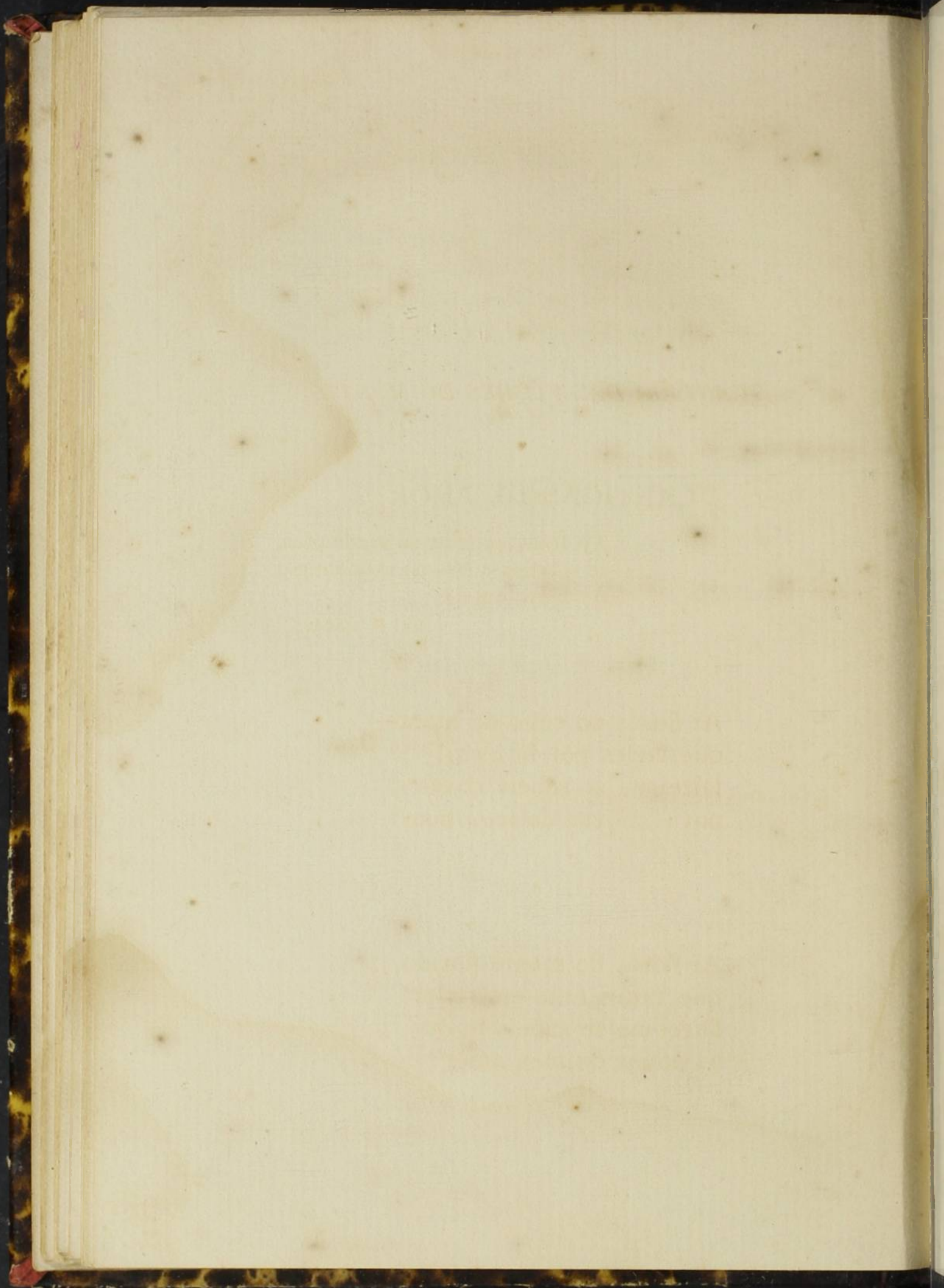
Sobre os teus hombros, leve e assim poisado,
está o teu chale agora semelhando
as asas de algum anjo fatigado
que se cansassem pelo ar, voando;
que se cansassem pelo ar, descessem,
e abatessem, fechadas, palpitando.

E as tuas mãos quietas, que se ageitam
sob o chale, que as cobre com carinho,
são duas rolas tímidas que espreitam
da branda calentura do seu ninho.

E se de leve no ar palpita e esvoaça
sobre os hombros flutuando,
o chale, quando a ti o vais cingindo,
ha no gesto subtil aquela graça
que se desnuda, sorrindo,
e se agasalha, corando...

CANTIGAS DE AMOR

SOBRE VELHOS MOTIVOS



CANTIGA DAS FLORES DO MONTE

Ay frols, ay frols do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ay Deus, e u é?

REI D. DENIS.

Ai flores do cimo do monte,
que vedes por hi àlem!
Dizei-me se sabeis novas,
novas, novas do meu bem?

Ai flores do monte florido,
que vedes tudo em redor!
Dizei-me se sabeis novas,
as novas do meu amor?

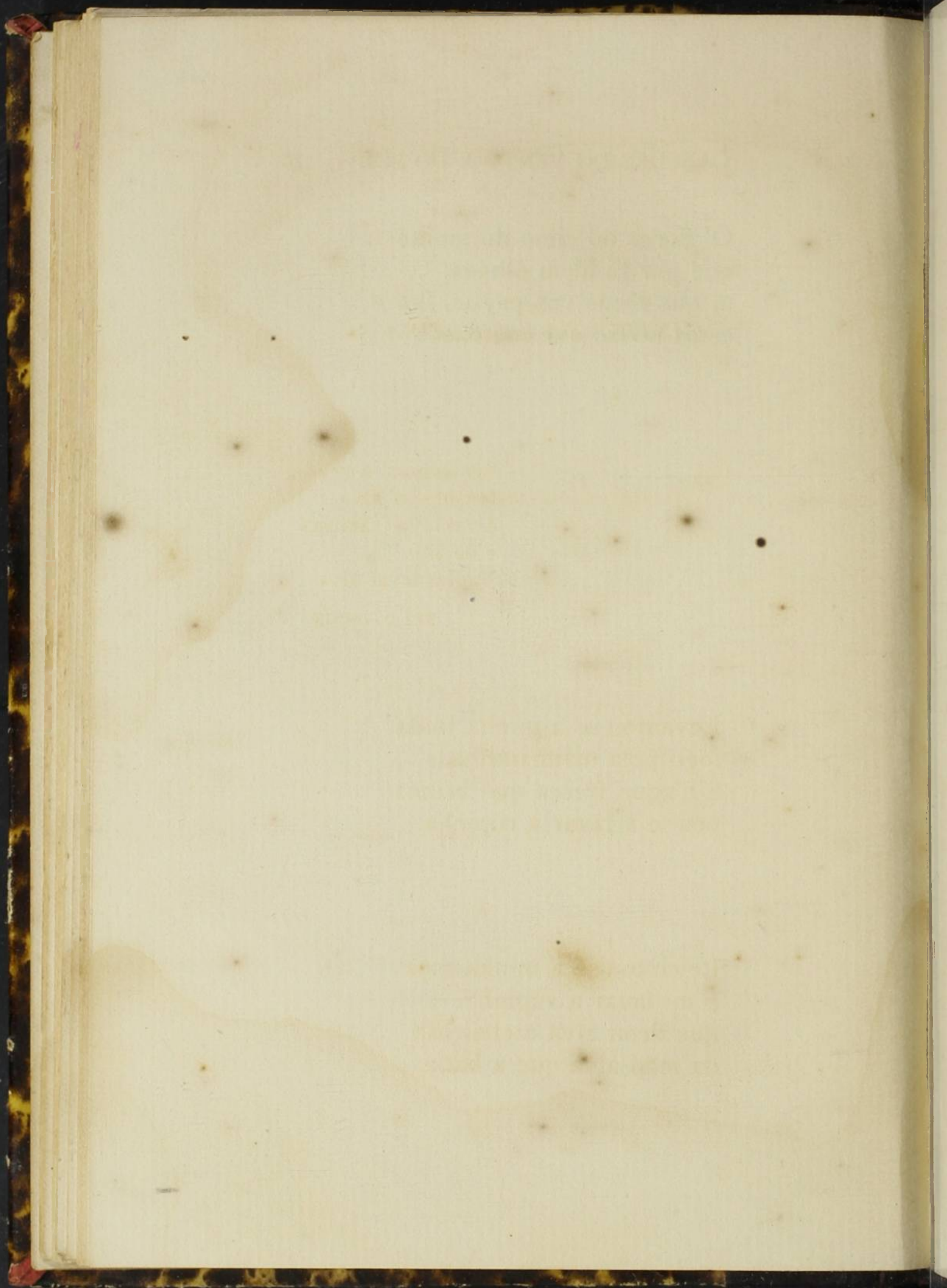
Ai, o meu amor, que é de elle,
sim, o meu bem onde está?
Que me jurou que me queria
e que me esqueceu por lá!

« Teu amor, teu bem, menina,
anda nas águas do mar,
e não se passa um instante
que não te esteja a lembrar.

« A lembrar-se dos teus olhos
que se casaram com os seus,
numa tarde em que se via
no ar a bençã de Deus.

« Nós vemo-lo, o teu bemzinho,
nas ondas, verdes vaivens;
mas só se lhe vê o corpo,
que a sua alma, tu a tens. »

O' flores do cimo do monte
que por hi àlem olhaes:
ai que Deus vos pague, flores,
estas novas que me daes!



CANTIGA DA LAVADEIRA

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva,
e vai lavar camisas
e no alto.
Vai-las lavar alva.

REI D. DENIS.

Levantou-se a minha linda
logo pela manhaninha,
e n'água fresca que brinca
pôs-se a lavar a rupinha.

Levantou-se a minha rosa
e foi lavar a rupinha,
que ficou alva e cheirosa
da mão alva que a batia.

Ora o vento, que namora,
que namora a minha linda,
pela fresca relva fóra
põe-se a espalhar a rupinha.

E fica a linda zangada
logo pela manhaninha...
Mas linda, tão linda e alva,
tão alva como a rupinha!

CANTIGA DAS TRISTES QUEIXAS

Nom chegou, madr' o meu amigo,
e oj' est' o prazo saído.
Ay madre, moiro d'amor!

REI D. DENIS.

O' minha mãe, minha mãe,
de mim se esquece o meu bem!
Ai mãe, eu morro de amor!

Minha mãe, elle mentia
quando de amor me sorria!
Ai mãe, eu morro de amor!

Minha mãe, elle brincava
quando de amor me falava!
Ai mãe, eu morro de amor!

Era hoje que devia
voltar, conforme dizia!
Ai mãe, eu morro de amor!

Era hoje — elle o jurava —
que p'ra o pé de mim tornava!
Ai mãe, eu morro de amor!

Ó minha mãe, minha mãe,
de mim se esquece o meu bem!
Ai mãe, eu morro de amor!

TRABALHAR

Vós que ergueis as mãos aos céus,
quanto o vosso amor não erra!
Se quereis amar a Deus,
baixae-as até á terra.

Entre tanta e tanta resa,
esta resa é a melhor:
— Que eu trabalhe sem tristeza,
que eu trabalhe com amor.

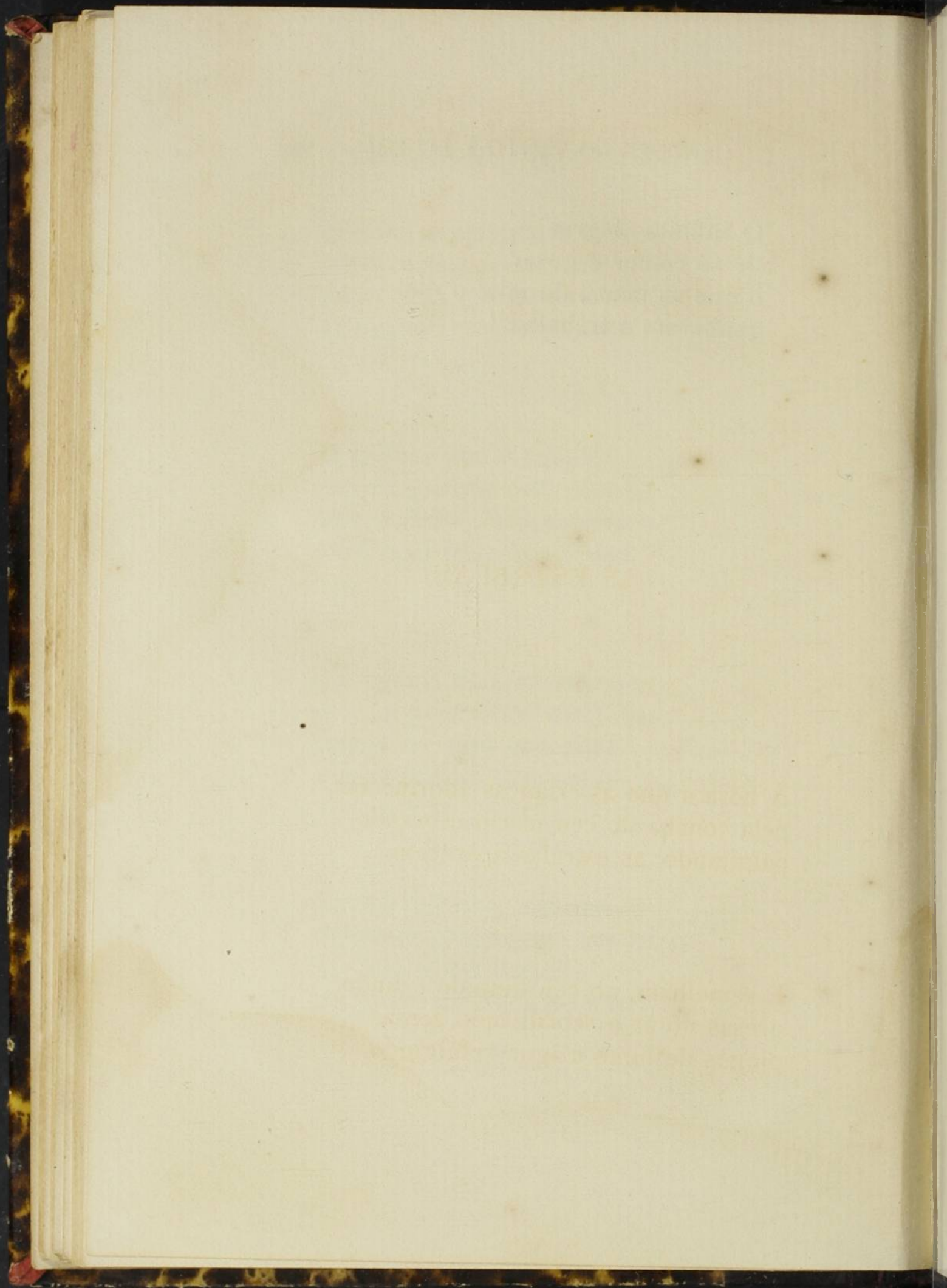
Não ha tarefas gloriosas,
umas menos, outras mais:
todas ellas são formosas
se o amor as torna iguaes.

O melhor pão é aquele
que se ganhou com cansaço:
seja embora duro e escasso,
será mais doce que o mel.

Um pobre rico, scismando,
olha as suas mãos tombadas:
inveja as mãos ocupadas
que moirejam labutando.

Lá vai um rico, enjoado,
deixando o banquete em meio:
ao ingulir um bocado,
soube-lhe ao trabalho alheio...

Ó infinita alegria
de só comer e gosar
o que as mãos, durante o dia,
ganharam a trabalhar!



AS ESTRELAS

Á hora a que as crianças adormecem,
pela concha do céu macio e brando,
palpitando, as estrelas aparecem.

E semelham, no céu limpido e lindo,
presas no ar e rebrilhando acesas,
pingos de lume n'água refulgindo.

E recolhem as aves, escondendo
na asa a cabecinha fatigada,
cansada de ser livre, e já pendendo.

Dormem todos o mesmo sono brando;
sonham todos o mesmo sonho lindo;
todos sorrindo e dôces respirando.

Mas as estrelas, pelos céus suaves,
acendem nos seus olhos o cuidado:
vigilam, p'ra que seja descansado
o sono das crianças e das aves...

SONHO

A tarde branda descia,
e a sombra, doce, fazia
com mãos de cinza morna e de veludo,
o meigo, vago, imenso afago a tudo...

A' sua verde balseira
recolheu, para dormir,
o melro alegre que andou
o dia, a manhan inteira,
a assobiar,
a cantar,
a folgar,
a sorrir!

Adormeceu, e sonhou . . .

E sonhou que amanhecia,
e que o Sol, essa ave esperta,
clara e àlerta,
que as outras todas desperta
e desafia a cantar,
batia as asas no ar!

E entre o sonho que sonhou,
elle, sem acordar,
— cantou.

DANSA DO VENTO

Cruel vento, cruel vento,
ah!, roubador maioral!

ROMANCEIRO

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz ás flores, bailando:
— Bailae comigo, bailae!
E ellas, curvadas, arfando,
começam, debeis, bailando,
e suas folhas tombando,
uma se esfolha, outra cae,
e o vento as deixa, abalando,
— e lá vae!...

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz ás altas ramadas:
— Bailae comigo, bailae!
E ellas sentem-se agarradas,
bailam no ar desgrenhadas,
bailam com elle assustadas,
já cansadas, suspirando,
e o vento as deixa, abalando,
— e lá vae!...

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz ás folhas caídas :
— Bailae comigo, bailae !
No quieto chão remexidas,
as folhas, por elle erguidas,
pobres velhas ressequidas
e pendidas como um ai,
bailam, doidas e chorando,
e o vento as deixa, abalando,
— e lá vae!...

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz ás ondas que rolam :
— Bailae comigo, bailae !
E as ondas no ar se impolam,
em seus braços nus o inrolam,
e batalham,
e seus cabelos se espalham
nas mãos do vento, flutuando,
e o vento as deixa, abalando,
— e lá vae!...

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz á chuva caindo :
— Bailae comigo, bailae !
E ao de ella seu corpo unindo,
beija-a na boca, sentindo
que ella o abraça sorrindo
e desmaia, volteando,
e já verga ao beijo, e cae,
e o vento a deixa, abalando,
— e lá vae!...

IRMÃO GENEPRO

Tanta pietà avea alli poveri frate
Genebro e compassione, che quando
vedea alcuno che fusse vestito male
o ignudo, di subito toglieva la sua to-
nica...

FIORETTI DI SAN FRANCESCO

Repreende o guardião
Genebro, porque este dava
todas as vestes com que se cobria
a quanto pobre de ellas precisava
quando o tempo arrefecia.

Fica Genebro triste, e vae scismando...

Ah!, como o calor gela o nosso corpo quando
tremem outros, e vão pelos caminhos
adiante,
sentindo em si cravados os espinhos
do ar todo erriçado e acutilante!

E como é bom sentir
na carne as unhas glácidas do frio
quando a gente se despe e oferece, a sorrir,
aos nus nosso calor palpitante de amor,
que lhe agasalha em doce calentura
o trémulo arripio
da sua alma incolhida a tiritar!
— E' dar
um pouquinho de Sol, durante a noite escura...

E Genebro suspira...

E p'lo caminho
vem caminhando agora um pobrezinho.

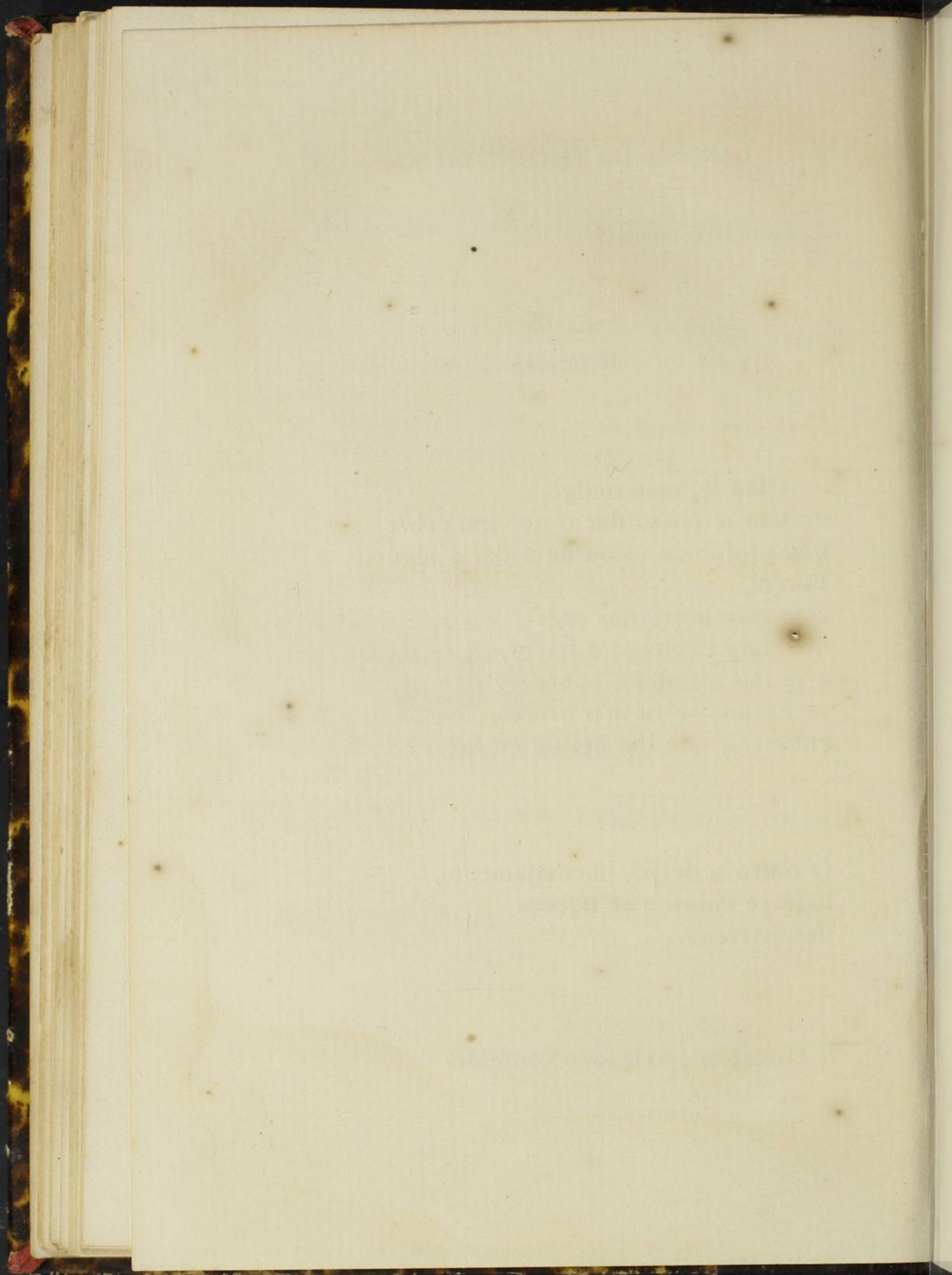
E Genebro sorri.

E falando ao mendigo:

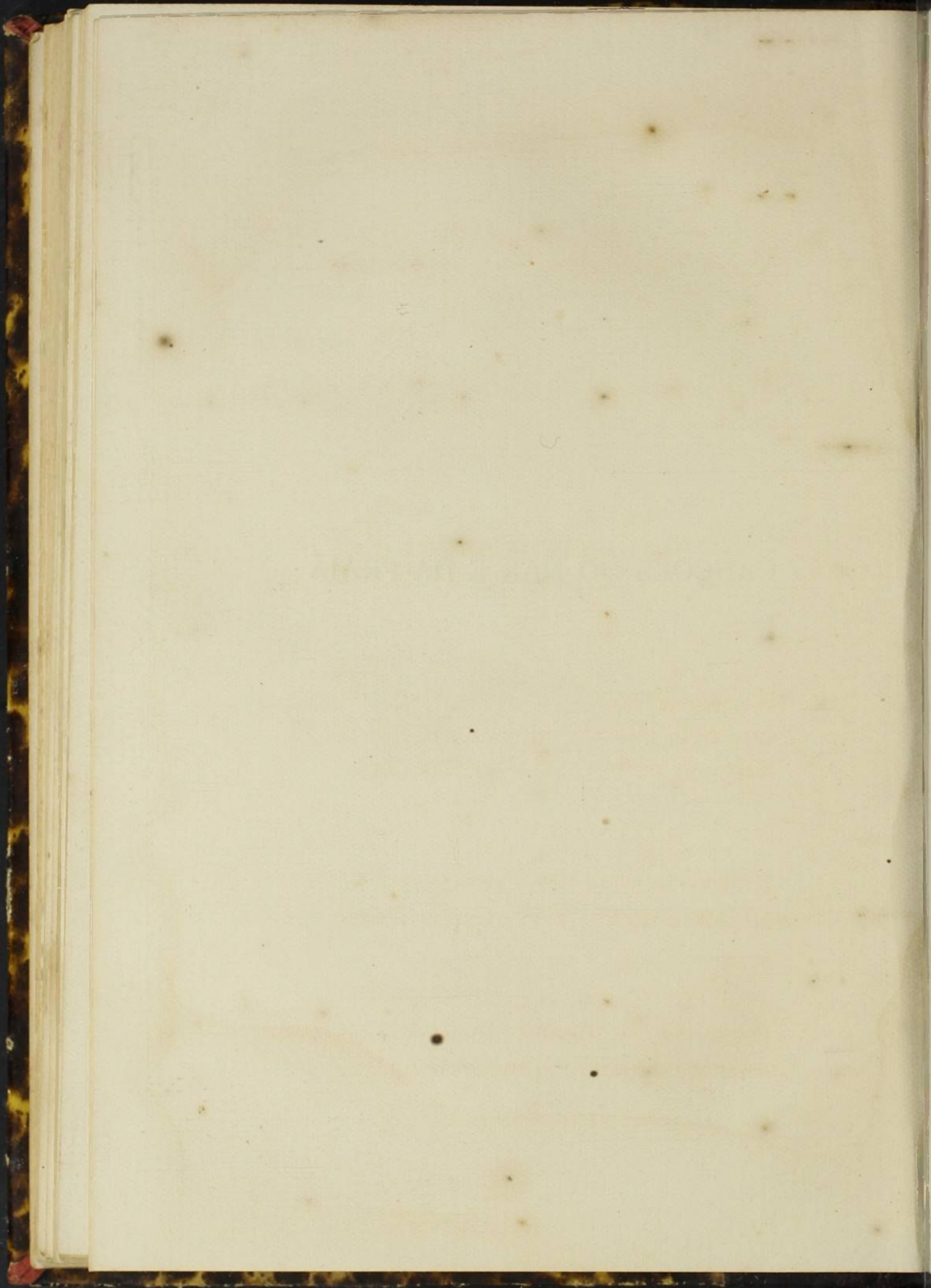
— Olha lá, meu amigo,
eu não te posso dar o que me cobre,
que proibido estou de o dar a alguém.
Porém,
com este norte nos ares
que agora começa a haver,
e tu tão rotinho e pobre...
— Emfim, se tu m'ó tirares,
então..., que lhe hei de eu fazer?...

O outro o despe, imediatamente,
logo se cobre e se aquece,
desaparece...

E Genebro sorri, todo contente.



CANÇÕES DO MAR E DA PRAIA



ILHAS DE BRUMA

A's caravelas
que pelo mar de outrora navegavam,
surgiam no horizonte as Ilhas belas...

E ellas àquelas Ilhas aproavam,
ao vento davam suas pandas velas!

De longe, as Ilhas, sobre o mar poisando,
os mareantes todos incantavam.

E elles viam colinas verdejando,
quase ouviam as fontes, que cantavam...

E adevinhavam já, entre o arvoredado,
as ninfas nuas a fugir com medo!

E os olhos de elles abrem-se aspirando
a beleza das Ilhas que surgiam.

E as narinas frementes palpitavam,
sorvendo-lhe o perfume que esparziam...

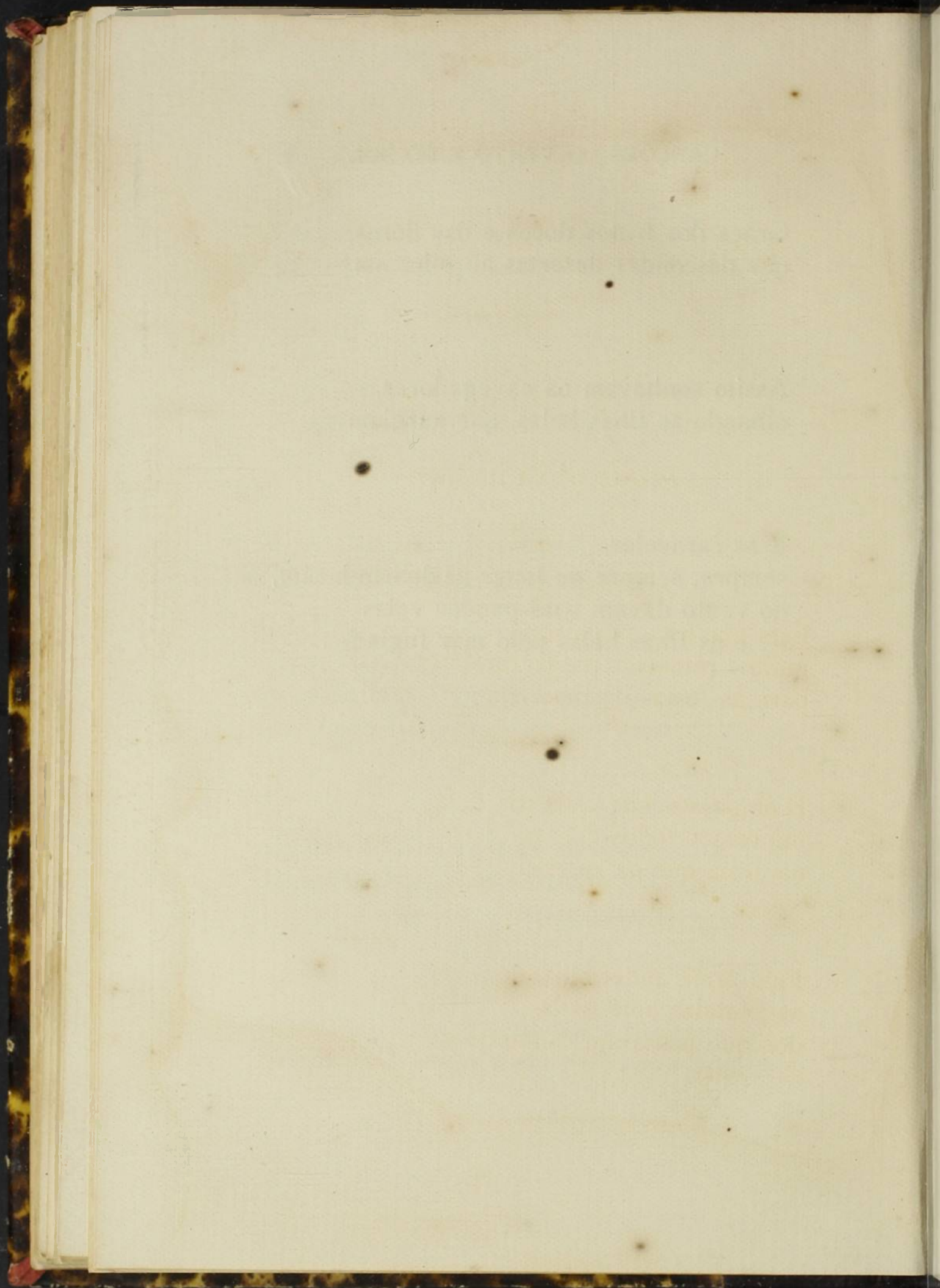
Os navios de longe as vão buscando,
ao vento dando suas pandas velas,
e ellas sempre mais belas pareciam.

Graça da terra, e seus leaes carinhos,
povoando o vento, a água e o céu sózinhos!

Graça dos frutos doces e das flores,
que das ondas desertas abrolhavam!

Assim sonhavam os navegadores,
olhando as Ilhas belas, que surgiam...

E as caravelas,
sempre, sempre de longe as demandavam,
ao vento davam suas pandas velas
— e as Ilhas belas pelo mar fugiam...



PÊGADAS NA AREIA

Esta manhan, praia fóra,
muitos romeiros passaram
para as festas da *Senhora*.

E os passos que cada um deu,
impressos todos ficaram
na areia que os recebeu.

Pela praia andei olhando
as pègadas apressadas
dos que passaram cantando...

E pela areia mimosa,
pés de mulher imprimiam
uma traça graciosa.

E ao lado, os do namorado
aqueles passos seguiam
cheios de ledo cuidado.

Pègadas fortes, ligeiras,
de pés descalços, que são
como asas caminheiras
voando rente do chão . . .

Entanto, a maré cresceu,
e as ondas as apagaram,
pègadas que cada um deu.

Quem dirá que, praia fóra,
muitos romeiros passaram
para as festas da *Senhora*?

Pela praia andei buscando
as pègadas apagadas
dos que passaram cantando. .

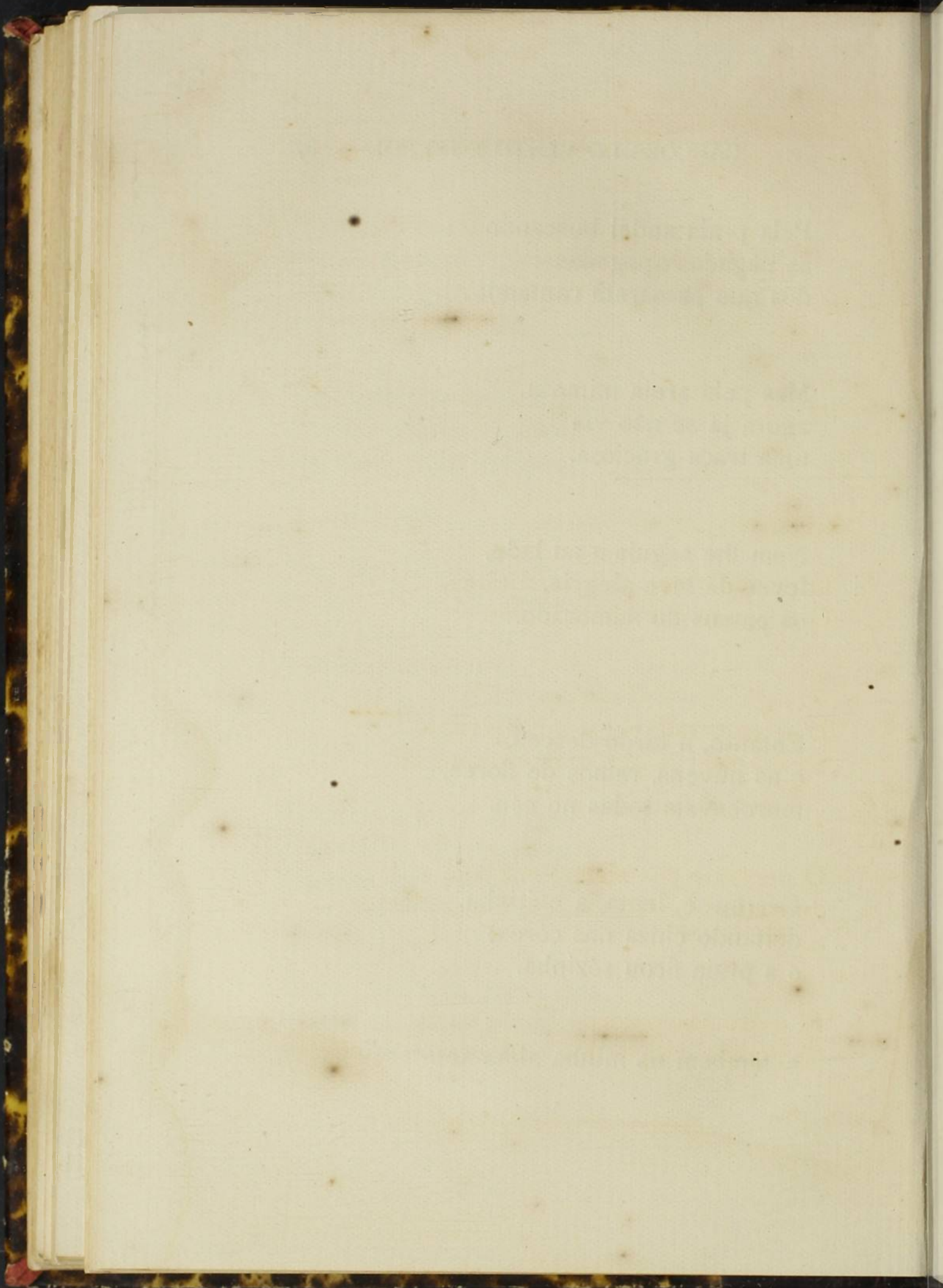
Mas pela areia mimosa,
agora já se não via
uma traça graciosa.

Nem lhe seguiam ao lado,
leves de leve alegria,
os passos do namorado.

Entanto, a tarde desceu,
e as nuvens, ramos de flores,
murchavam todas no céu.

Cerrou-se, lenta, a noitinha,
deitando cinza nas côres;
e a praia ficou sózinha.

E tambem na minha alma anoiteceu. . .



PERFUME

O perfume das algas embriaga,
O perfume das algas intonetece...

E' o aroma do corpo nu da vaga,
do seu seio redondo, que intumece!

O perfume das algas embriaga
de sonhos de Quimera e Longe, lassos...

E' o aroma do corpo nu da vaga,
da líquida carícia dos seus braços!

O perfume das algas embriaga
e, sendo forte, é mui sutil e brando...

E' o aroma do corpo nu da vaga,
do seu cabelo esparso, flutuando!

O perfume das algas embriaga
e desperta o clamor de acres desejos...

E' o aroma do corpo nu da vaga,
da sua boca tímida de beijos!

Com penetrante e cálida bafagem,
o perfume das algas embriaga:
é o aroma do corpo nu da vaga,
e a voz dos búzios, feita aroma e aragem...

AS GAIVOTAS

Lá em cima, no ar,
sobre a monotonia de estas casas,
sulcando serenissimas os céus,
abrem a larga rima das suas asas,
lenços brancos do azul, dizendo adeus
ao vento e ao mar.

Eu fico a vê-las,
e meus olhos, de as vêrem, vão partindo
e fugindo com ellas;
e a segui-las eu penso,
emquanto o olhar no azul se espraia e prega,
que ha uma graça, que ha um sonho imenso
em tudo que flutua e que navegá...

Lá vão, serenas... E são ellas, quando
a tormenta, de noite, atrôa e ronca e estala
e o mar rasga com raiva os vendavaes aos ais,
que, de noite velando, incarnam, piando,
almas de *mestres* que, no mar lutando,
o mar sepulta na profunda vala!

Para onde se desterram as gaivotas,
contra o vento vogando, altas e belas,
essas voantes e pairantes frotas,
essas vivas e alvas caravelas?

Ó ancia de partir, — de irmos tambem!...
Abalar, navegar, flutuar, voar
para onde? P'ra além...
As almas são irmans do fugitivo fumo,
nostálgicas do fugitivo rumo,
anciosas de partir, pairar, subir...

Vão para o Longe... E lá desaparecem,
ao largo, ao largo, por detrás do monte:
e os nossos olhos olham e entristecem
com as vagas saudades que merecem
as coisas que se sómem no horizonte!

ESPUMA

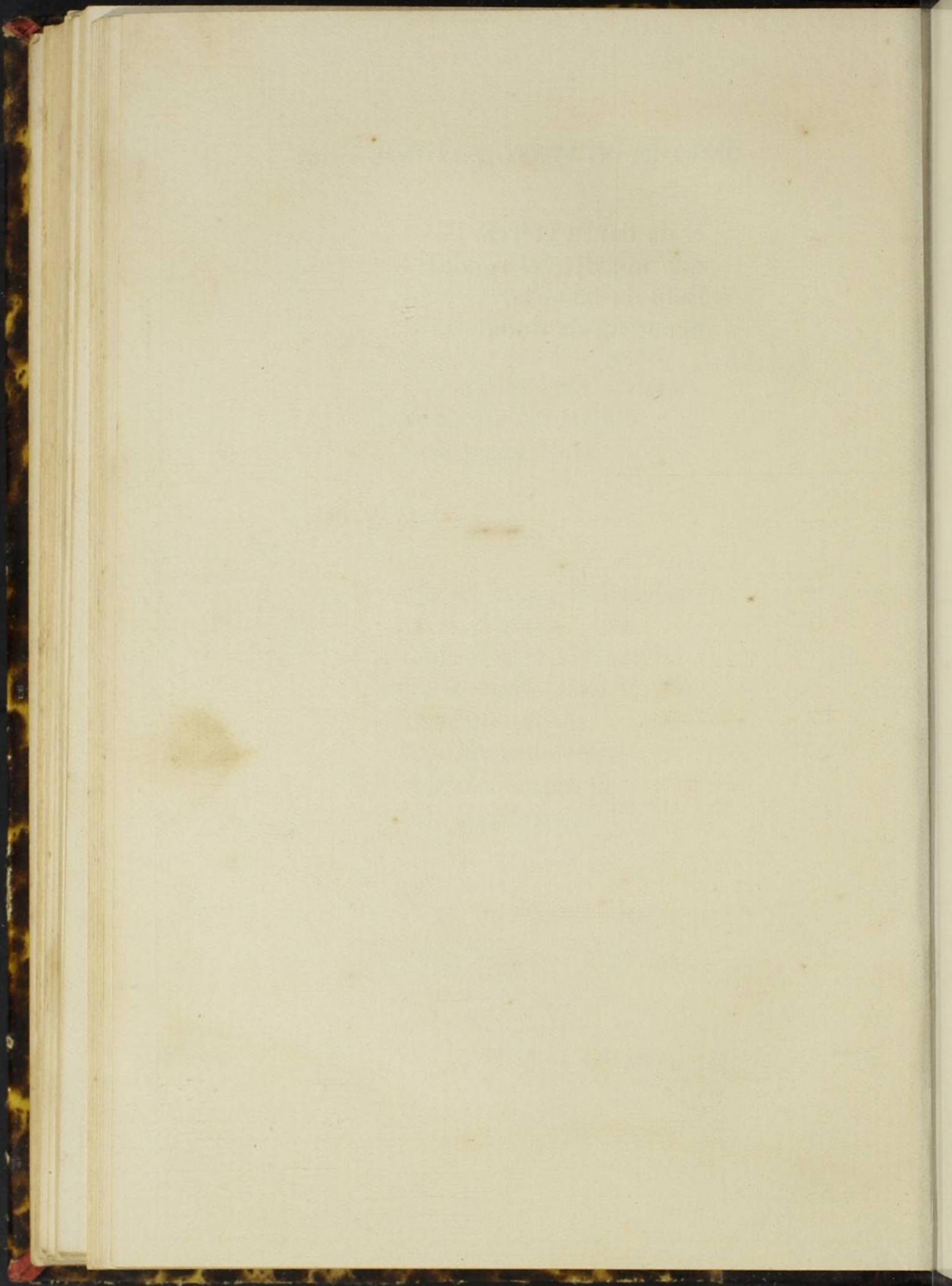
Mais leve que a pluma
que no ar balança,
pela praia dança
a ligeira espuma.
Dansando se afaga
no alado bailar!
Pétalas da vaga,
poeira do mar...

Espuma de neve,
ergue-a num momento
a curiosa e leve,
vaga mão do vento.
Mas o vento, achando
que da mão lhe escorre,
com ella brincando
pela praia corre...

Eis se ergue e dissolve,
coisa láctea e pura,
onde o luar se envolve
na fervente alvura.
Espuma levada
das águas ao rés,
renda evaporada,
joia das marés!

Mais leve que a pluma
que no ar ondeia,
pela fina areia
baila, aérea, a espuma.

E na dança etérea,
que impalpável ronda!
Bafo da matéria,
penugem da onda...



CANTARES DOS BÚZIOS

Ai ondas do mar, ai ondas,
ó jardins das alvas flores,
sobre vós, ondas, ai ondas,
suspiram os meus amores.

Ai ondas do mar, ai ondas,
que traz o vento, a chorar?
— São os suspiros dos mortos
que andam na água a boiar.

Cahia o luar nas ondas
e ellas diziam, olhando:
— Que nau tão branca e tão alta
anda no céu navegando!

Cahia o luar na areia,
o luar, água de prata:
— Bemdita seja esta água
que a funda sêde me mata!

Cahia o luar na rocha
e a rocha scismava assim:
— Na minha pele de rugas
passeiam mãos de setim!

No fundo dos búzios canta
o mar que chora a cantar;
ó mar que choras cantando,
eu canto e estou a chorar!

O vento do mar suspira,
suspira com voz saudosa,
por já não cantar nas vêrgas
da velha nau *Frol da Rosa*.

O' *Frol da Rosa*, ó *Framenga*,
ó linda *Frol de la Mar*!
No fundo do mar dormindo,
que estareis vós a sonhar?

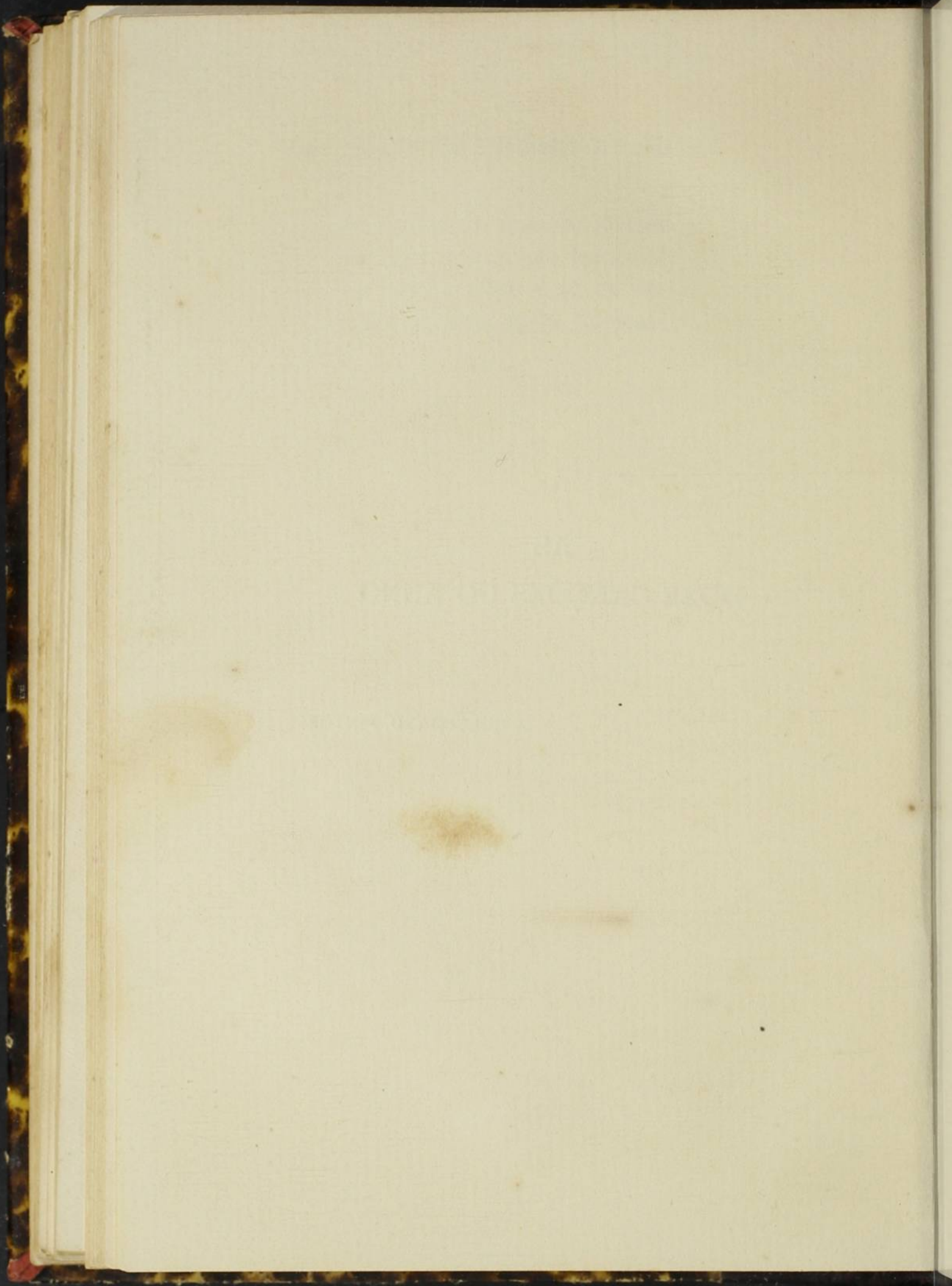
Nas pocinhas dos penedos
estão-se mirando os céus.
Nas almas de quem se ama
miram-se os olhos de Deus.

Na minha alma ha tantas penas,
ha tantas penas, meu bem,
como grãozinhos de areia
as praias do mar contêm!

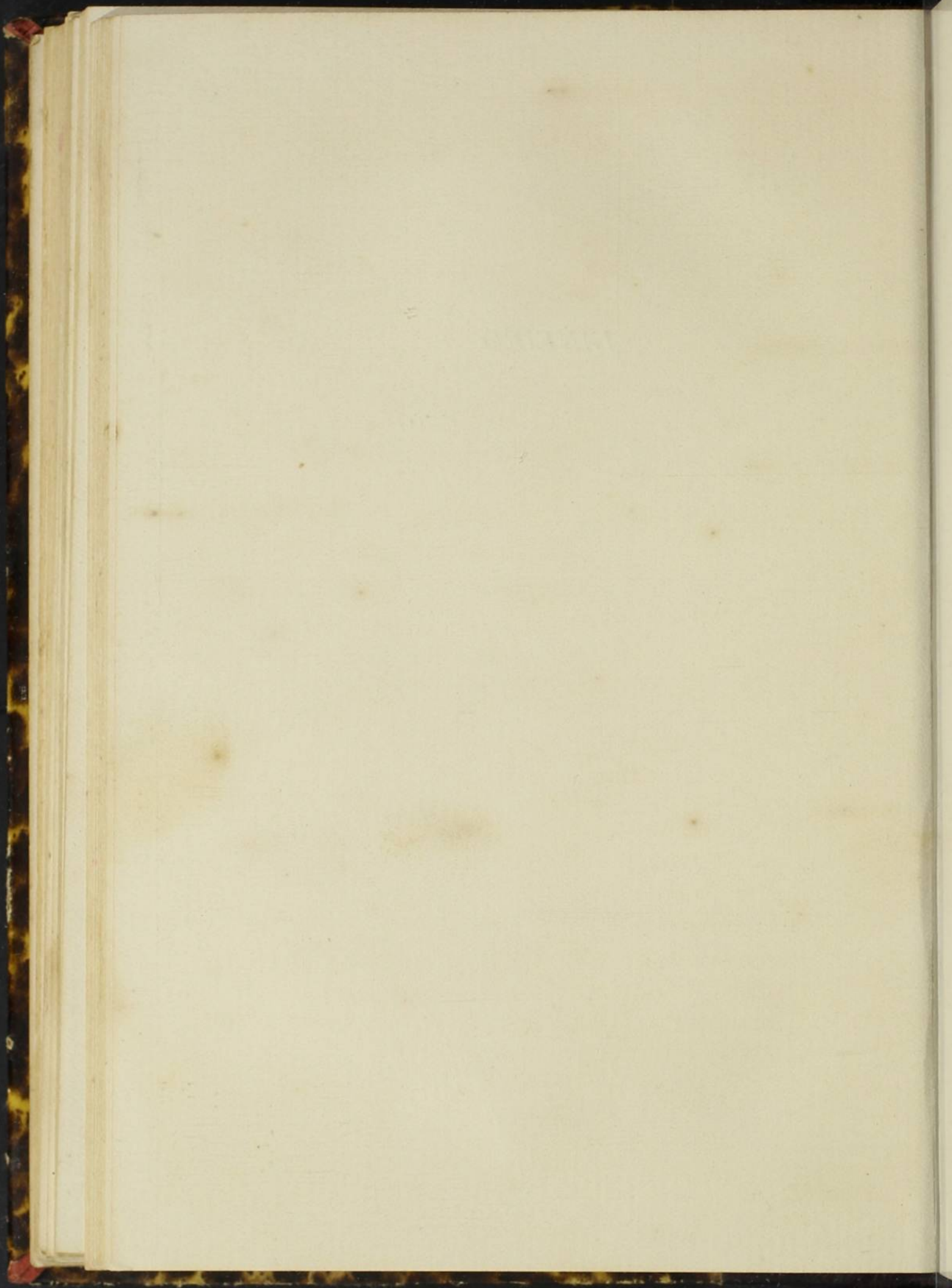
Ai ondas do mar, ai ondas,
eu bem vos quero lembrar:
« a minha alma é só de Deus
e o corpo da água do mar! »

AS
DOZE CANÇÕES DO ANNO

A COLUMBANO, PINTOR



JANEIRO



ELOGIO DA NEVE, ESCRITO AO SOL

Ó neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
noiva do áspero Norte,
dama diáfana e forte,
imensa mortalha fria
águas e terras cobrindo...

Ó neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
espuma espectral dos ares,
de ermo perfume,
— tu acendes o carinho
pela ternura do ninho;
a tua presença cria
o gasalhado dos Lares
e a intimidade do Lume...

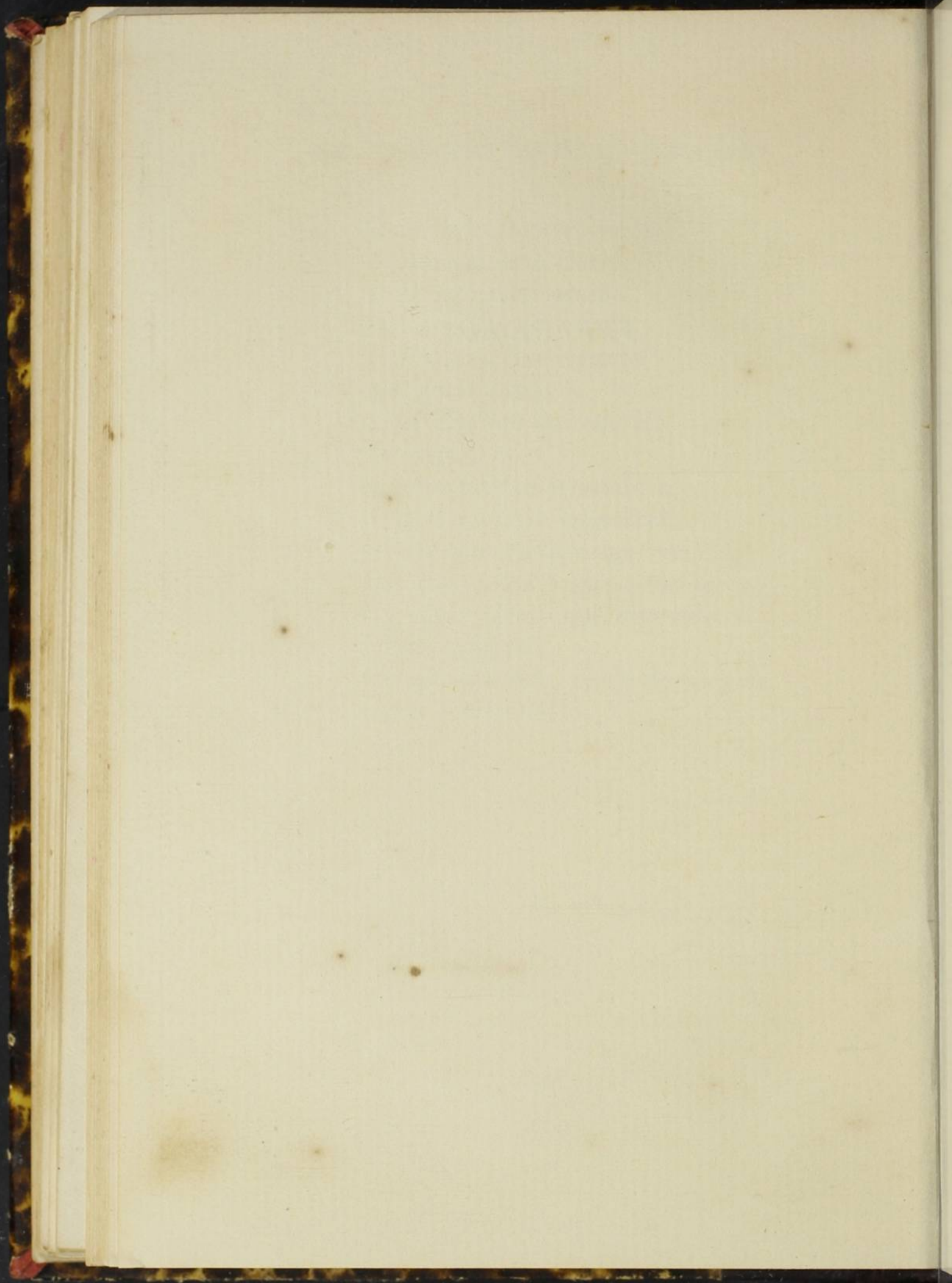
Ó neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
— por ti, o agasalho brando
da casa;
por ti, o doce calor
de quem se ama, ficando
ao pé do lume, scismando,
debaixo da morna asa
do seu amor...

Ó neve forte e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
enchendo o ermo do espaço
de uma tristeza grisalha,
pondo na terra maninha
uma tristeza sózinha,
— tu fazes mais rijo o braço
de quem trabalha...

Ó neve morta e severa,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
muda dos brancos terrores,
cega dos mudos palores,
mãe dos medos e dos gnomos,
— tu crias a Primavera,
a glória moça da terra,
a madrugada dos gomos
e a adolescência das flores!

Ó neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
eu louvo a tua virtude
plácida e rude,
à luz do Sol, que alumia
Portugal,
ó neve branca e sombria,
ó neve muda e espectral,
— luz que canta e que inebria,
luz que sonha e que adormenta,
luz que veste e que alimenta
e nos contenta,
luz que chilreia, cheia de alegria
como a cotovia!...

FEVEREIRO



A CHUVA

Nesta hora sózinha e pardacenta,
a chuva entra na aldeia . . .

No ar, cheio de musgo, a luz cinzenta
bruxoleia.

Através da vidraça,
vejo-a que chega: é uma mendiga escura,
trôpega e acurvada. E vem cansada.
Ha, nos seus olhos vagos, amargura.
Oioço as suas passadas resignadas,
arrastadas por baixo da janela.
E digo para mim: — E' a chuva. — E ella,
a triste velha curva e turva, passa...

No ar, cheio de musgo, a luz cinzenta
bruxoleia.

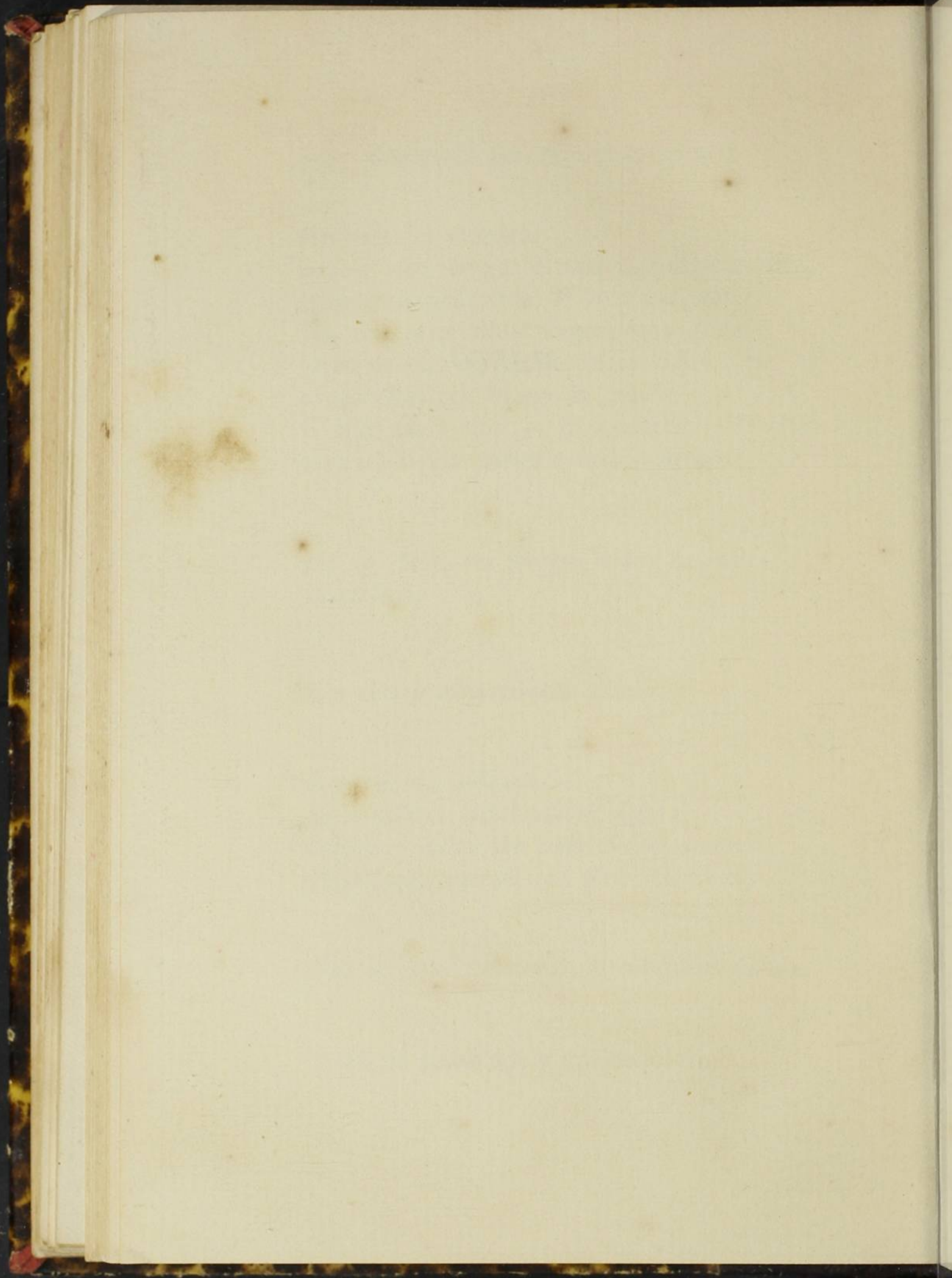
E a chuva atravessa a aldeia.

Através da vidraça,
onde coleí a minha face, agora,
contra o vidro tão baço como o céu,
vejo-a que vae: e vae p'la rua fóra...

Não se ouve uma voz. E ninguem passa.

Tudo se sente só: a chuva, e eu.

MARÇO



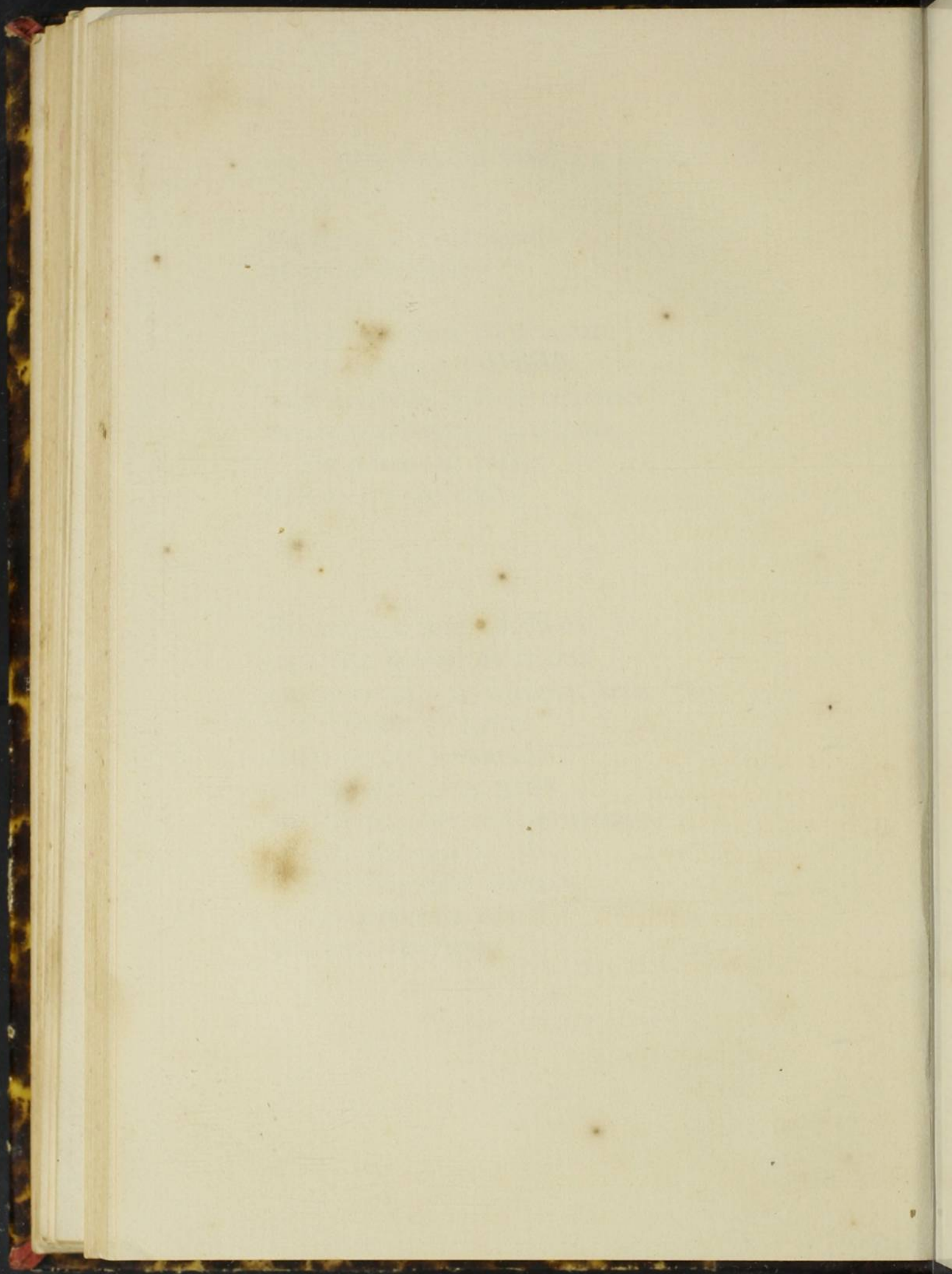
ADOLESCÊNCIA

No muro, o rosal floresce,
e o ar perla de orvalho a transparência;
a graça da adolescência
a face á terra alvorece;
e as coisas desintorpecem
as suas dôres rugosas.
— As primeiras rosas
florecem, florecem!

No muro, o rosal florido
põe-se a ameigar
o ar dorido
da mão de ferro do inverno;
o Sol começa a vir, terno,
para as almas, que se aquecem
das lembranças pluviosas.
— As primeiras rosas
florecem, florecem!

No muro, o rosal perfuma
os linhos fluidos da bruma
que esvoaça e se esgarça, leve, leve;
e já Vilante se atreve,
antes do Sol levantado,
a ir mungir o seu gado
aos campos que se internecem;
Vilante dos pés de neve,
Vilante das mãos leitosas...
— As primeiras rosas
florecem, florecem!

ABRIL



CANTAR DO MELRO

Ó que linda que é a vida!
Que florida,
perfumada
madrugada! . . .

Deixa-me rir, que estão rindo
seu riso lindo
estas águas, estas fontes,
estes montes,
estas flores,
— rindo e florindo com todas as côres!

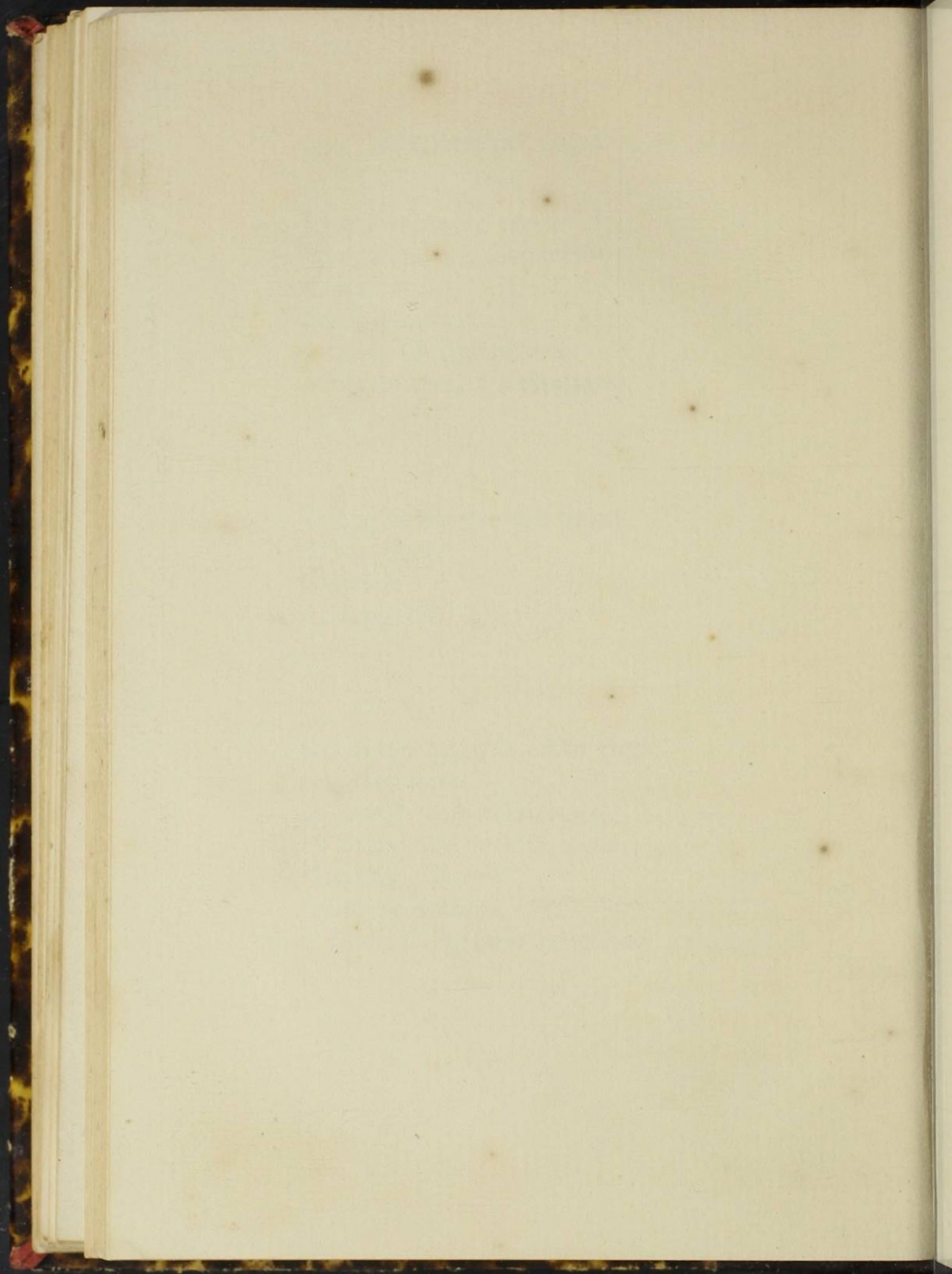
Ó que linda que é a vida!

Este vestido da terra
é curtinho e transparente:
deixa ver
perfeitamente
a carne da Primavera,
nua e branca, a amanhecer...

Ó que linda que é a vida!
A incantada
reflorida
madrugada!

Deixa-me rir, que estão rindo
seu riso lindo
os ramos, que reflorecem,
os seios, que se indurecem...
Homens e flores
falam de amores,
e rindo e florindo rebrilham as côres!...

MAIO



NOVENAS

Pelas tardinhas amenas
da Coimbra das finas neblinas,
dos sinos cahiam serenas
gotas de som:
— dling, dlong...

Pelas tardinhas amenas
de maio belas,
os sinos cantavam — dling, dlong,
e iam donas e donzelas
para as novenas.

Pelas tardinhas formosas
de maio suaves,
os sinos sorriam, — dling, dlong,
e sobre camas de rosas
casavam aves.

Dôces tardinhas amenas
de maio belas,
cheias de sinos — dling, dlong...

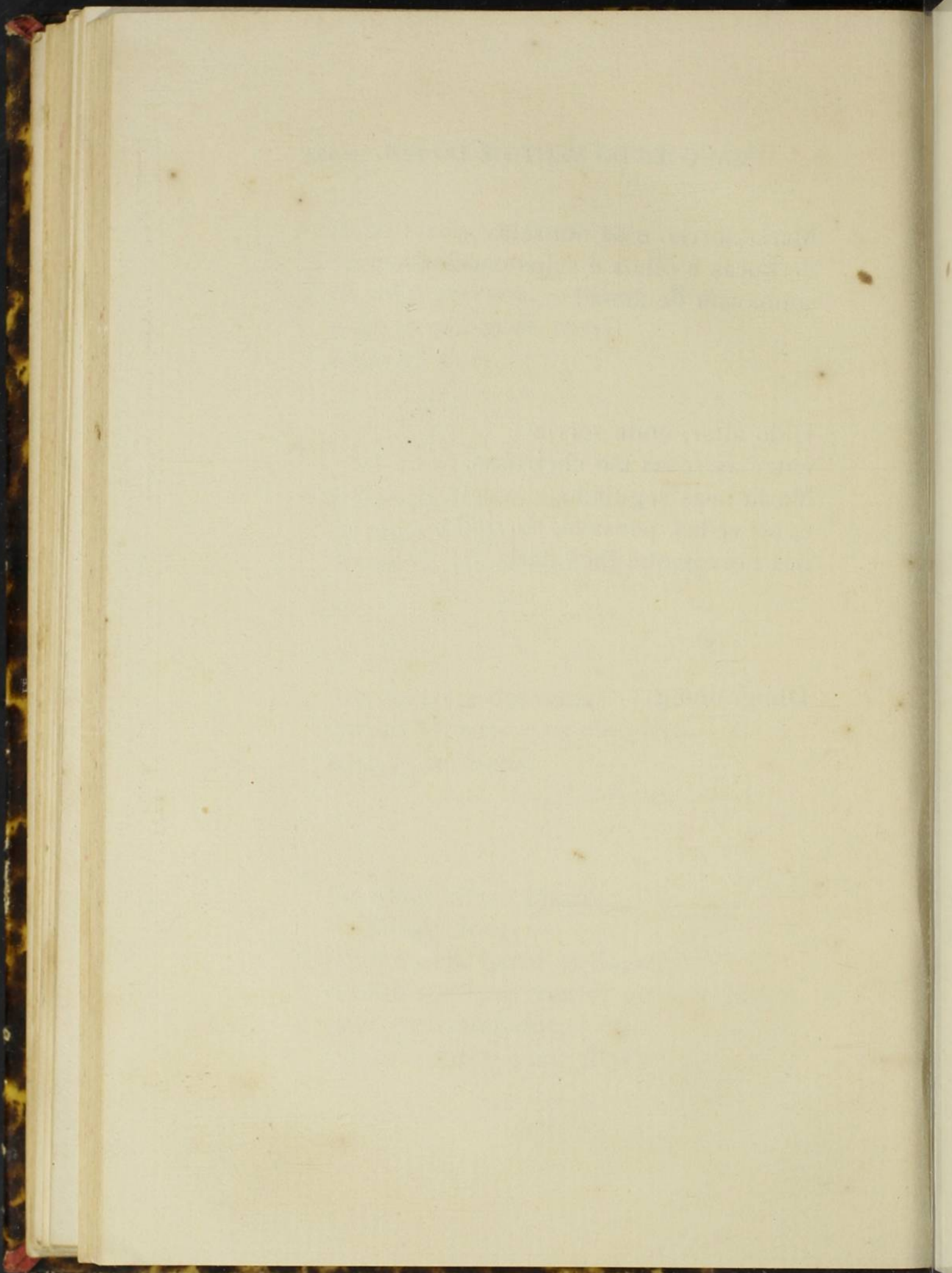
Iam donas e donzelas,
iam as brancas e as morenas
para as novenas.

No altar estava Maria,
— dling, dlong, —
olhando em baixo as donzelas,
e ellas sorriam, com os olhos voltados
para os namorados,
e Maria sorria para ellas.

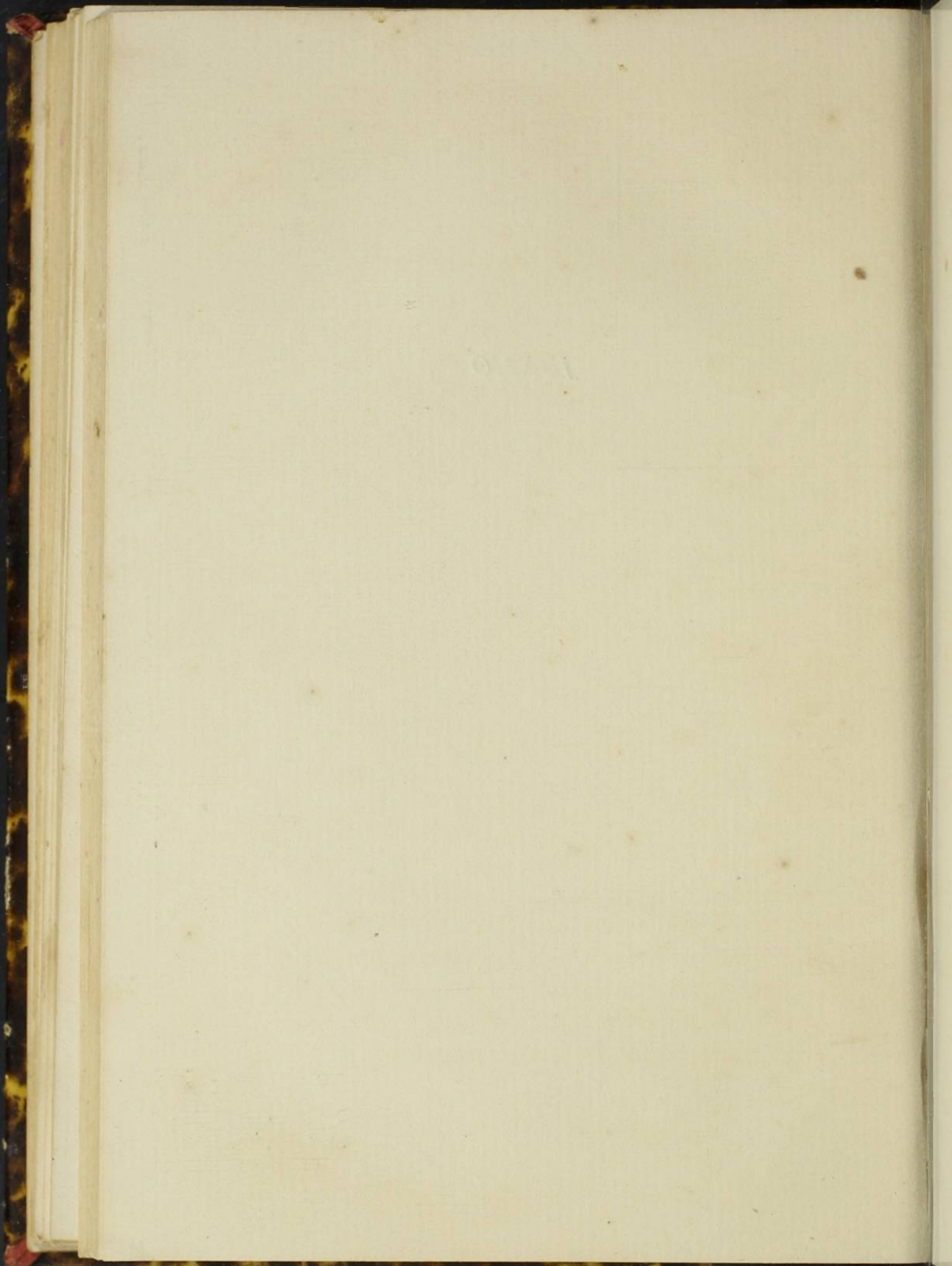
Maria sorria, e as donzelas
de bocas e olhos e seios em flor,
sonhavam de amor!

E do altar, onde sorria
entre as rosas tão cheirosas,
Maria ia-as seguindo
e, ao vê-las, pensava, sorrindo,
nos noivos que lhes daria...

Dling, dlong...



JUNHO



A NOITE DE SAN JOÃO

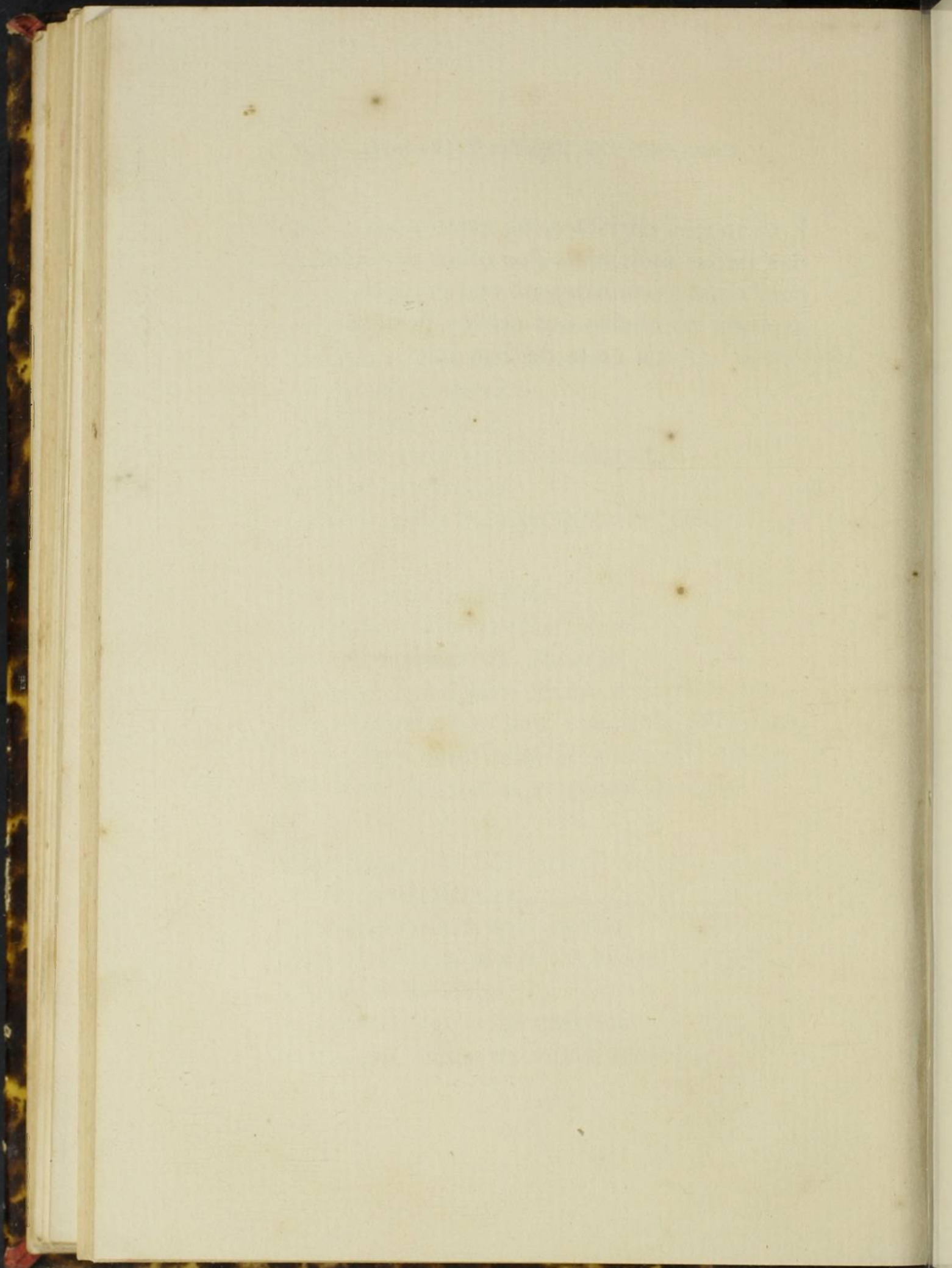
Na noite de San João,
as lindas moirinhas,
as princezinhas do Alcorão,
quebrado o Incanto, eis que vêm ligeiras
bailar nas fogueiras,
bailar e cantar,
nas rodas bailando, lindas de matar!

Na noite de San João,
ao ver as lindas moirinhas,
as princezinhas do Alcorão,
os moços christãos, bailando nas rodas,
dizendo: — Que lindas!, — dão-lhe o coração,
amam-nas a todas,
doidinhos a amar,
sem saberem que as namoradas,
moiras incantadas,
ao seu velho Incanto terão de voltar...

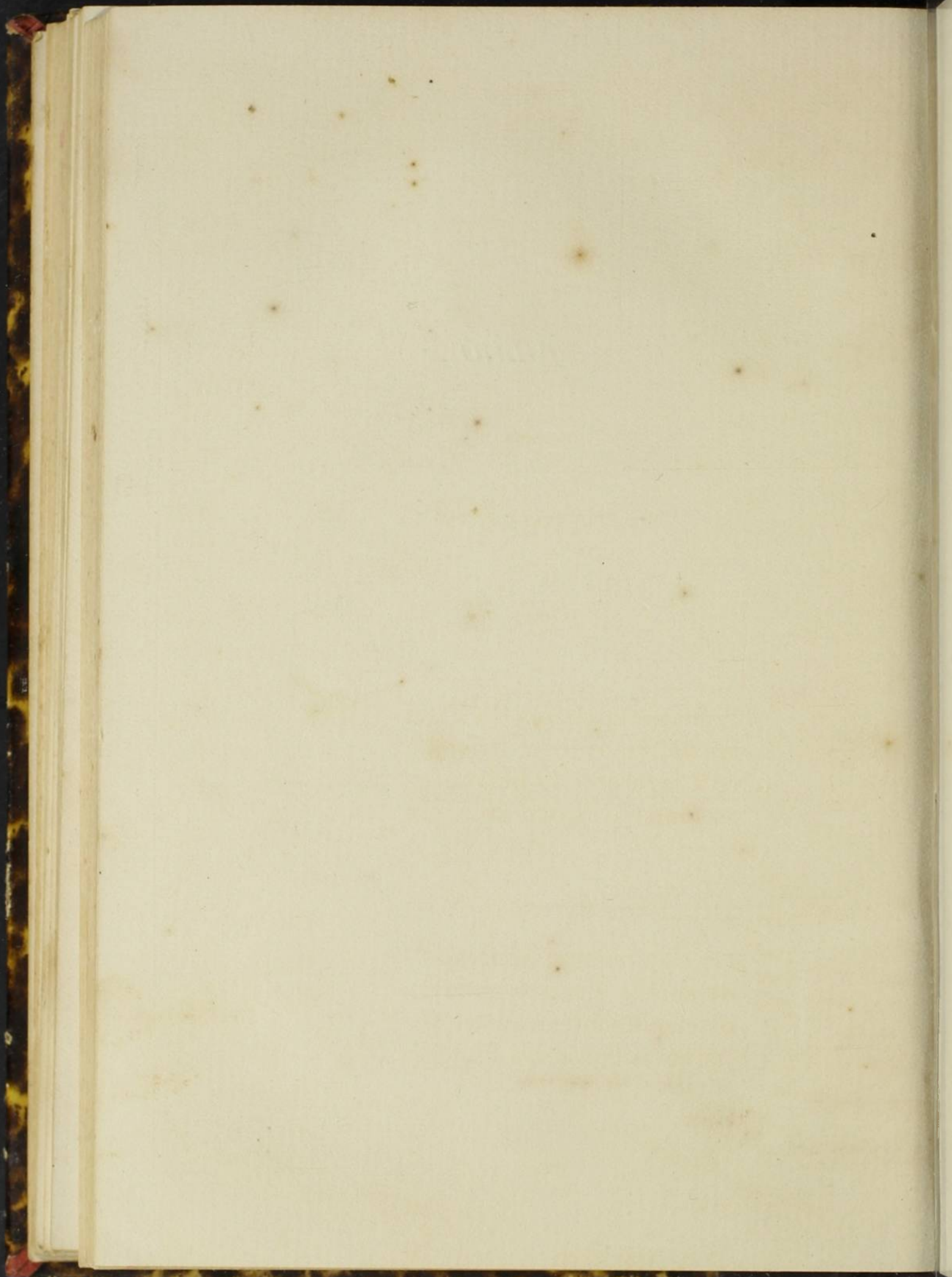
Na noite de San João,
amando as lindas moirinhas,
as princezinhas do Alcorão,
os moços christãos furtam-lhe mil beijos,
e as fogueiras ardem, cheias de perfumes,
e os olhos rebrilham de amorosos lumes...
No lume das almas crepitam desejos!

Mas depois do San João,
as lindas moirinhas,
as princezinhas do Alcorão,
com a tristeza nos olhos belos
cheios de pranto,
regressam aos seus castelos
e ás suas fontes de velho Incanto.

E os moços christãos, os namorados
das lindas moirinhas dos olhos rendidos,
com muitas saudades no seu coração,
aspiram no cheiro dos cravos floridos
— a noite de San João...



JULHO



AS FONTES SÊCAS

A boca em chama do Estio
cresta, no ardente bafejo,
co'a lavareda do beijo
ás fontes o fresco fio.

Os caminhantes cansados
de correr terras e montes,
os caminhantes cansados
param á beira das fontes.

Em roda, no ar, paira e erra
o som das vozes anciosas
das grandes sêdes anciosas
que estão debaixo da terra.

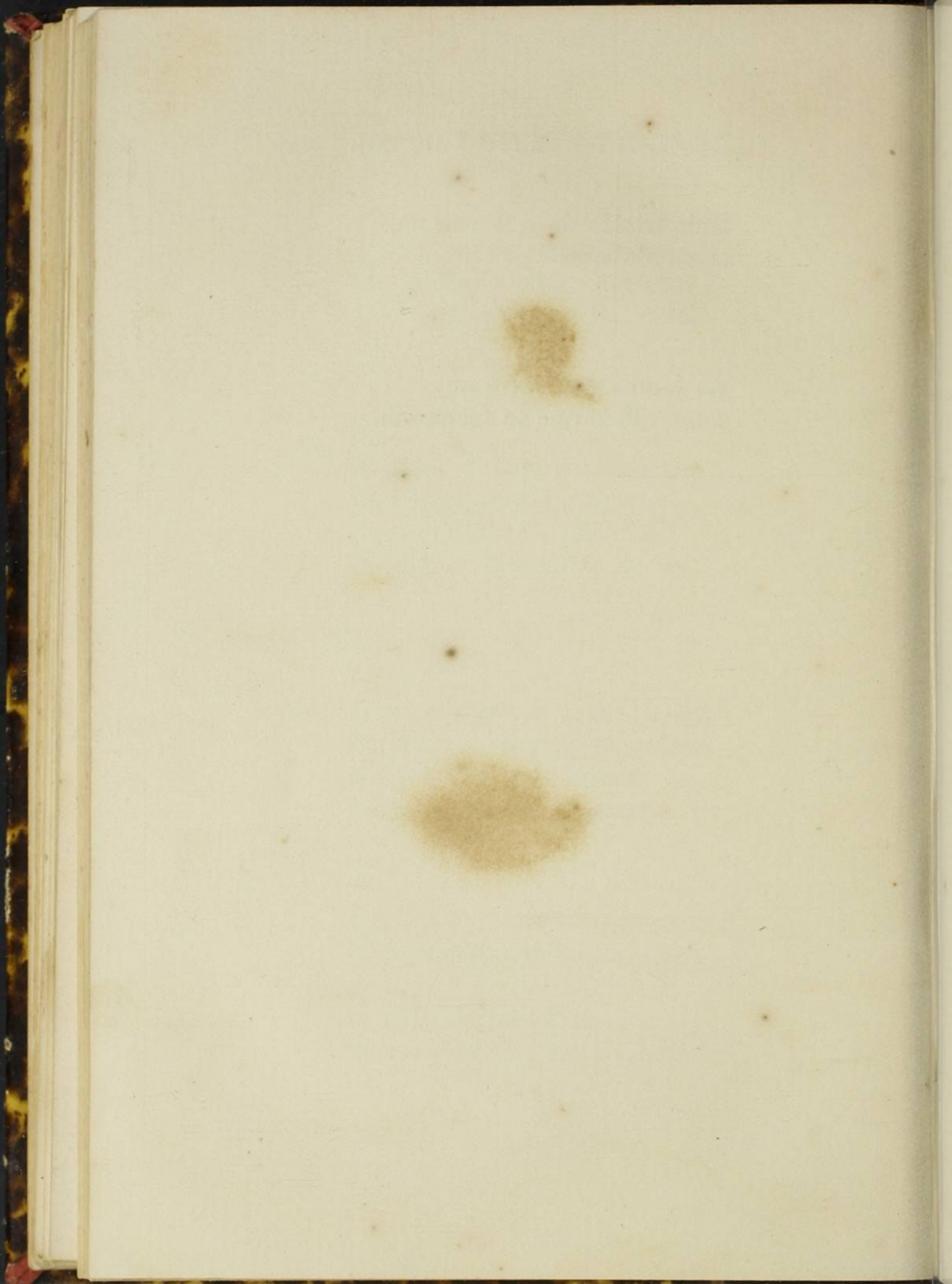
E os caminhantes cansados
de correr terras e montes,
os caminhantes cansados
scismam á beira das fontes.

E ouvem, ouvem, incantadas,
de entre o silêncio da calma,
a voz das fontes caladas
cantar nos ecos da alma.

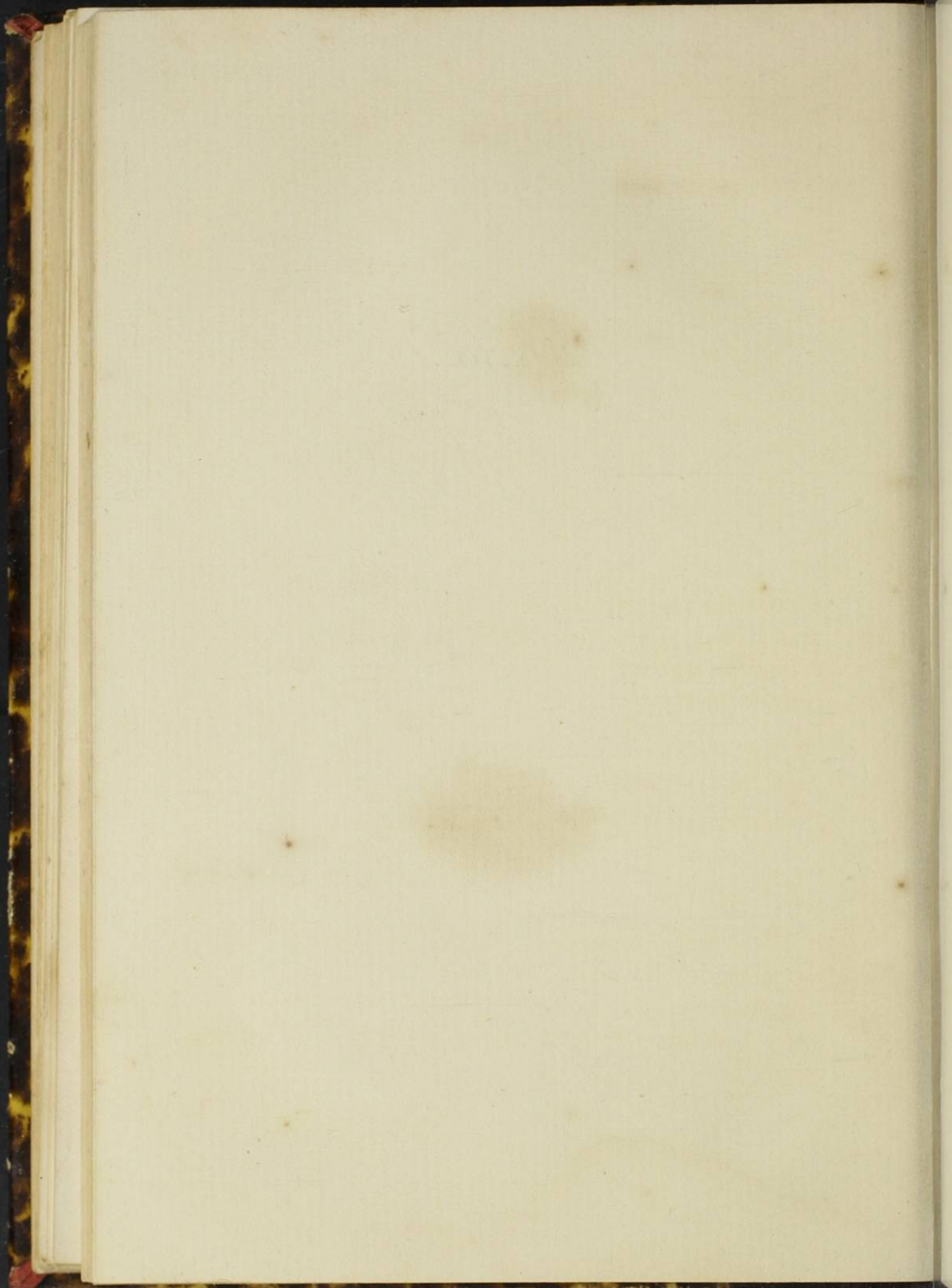
E os caminhantes cansados
de correr terras e montes,
os caminhantes cansados
vão-se da beira das fontes.

Mais tristes do que vieram,
os caminhantes passaram . .

As fontes emudeceram
como olhos que se fecharam.



AGOSTO



O LUAR

« Luar de janeiro não tem parceiro »,
mas brilha agora, argênteo e fluido mosto,
o luar de agosto,
branco jasmineiro.

E o luar chama, chama os namorados...

E elles vêm, abraçados,
entrelaçados os dedos,
e trementes as bocas de segredos,
entre a sombra translúcida do luar,
amar.

E o luar sorri, sorri aos namorados...

O ar, que o luar prateia,
é um hálito longo e luminoso,
um hálito oloroso e melodioso
e que ondeia e vagueia.

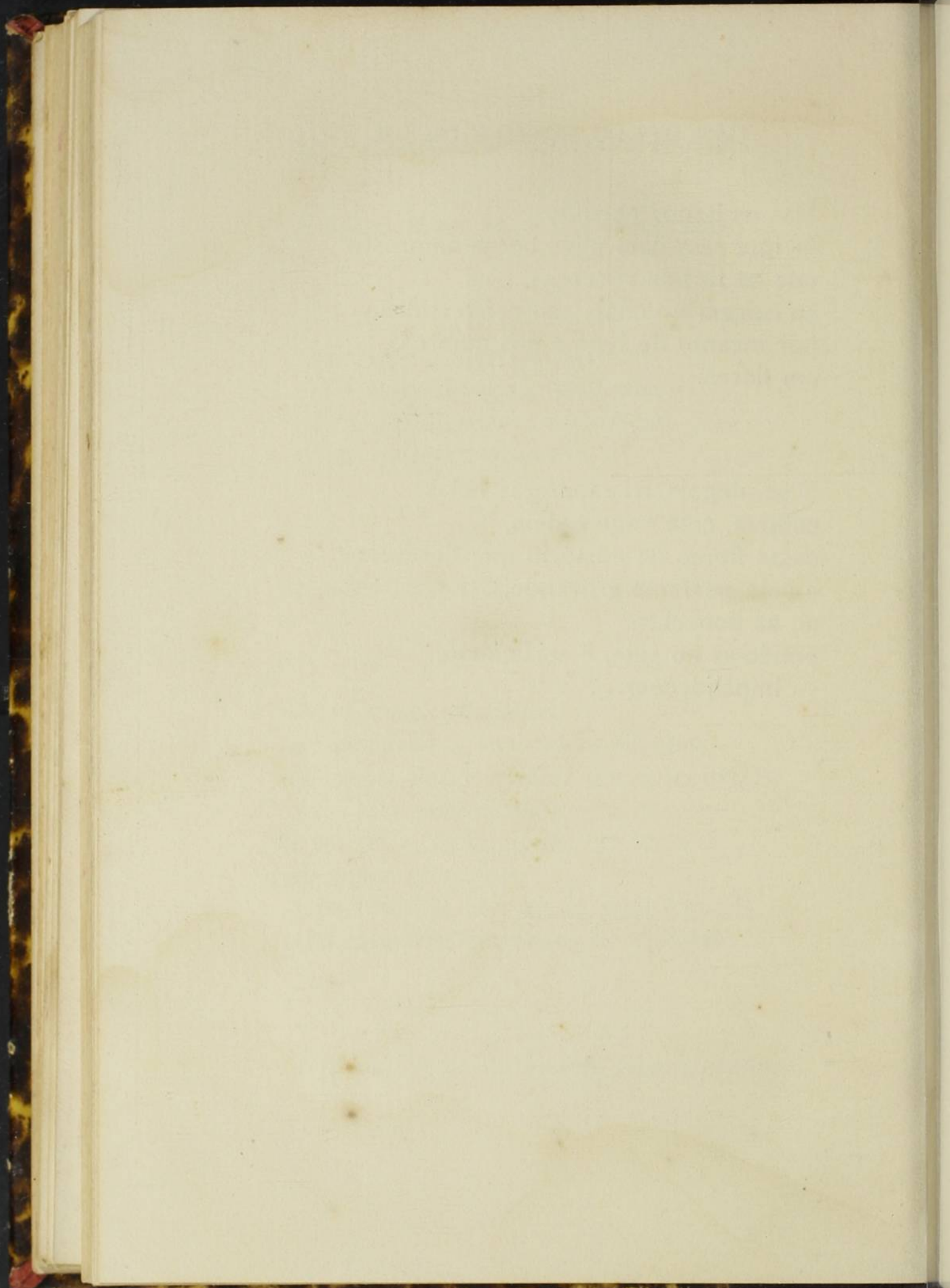
E o luar esconde, esconde os namorados...

Abraçados, inlaçados,
os namorados, mudos de desejos,
beijam a flor vermelha dos seus beijos
pelo luar perfumados;
e os seios, desnudados em anseios
de mãos inquietas,
pelo rôxo do luar ao de leve tocados,
são canteiros cheirosos de violetas...

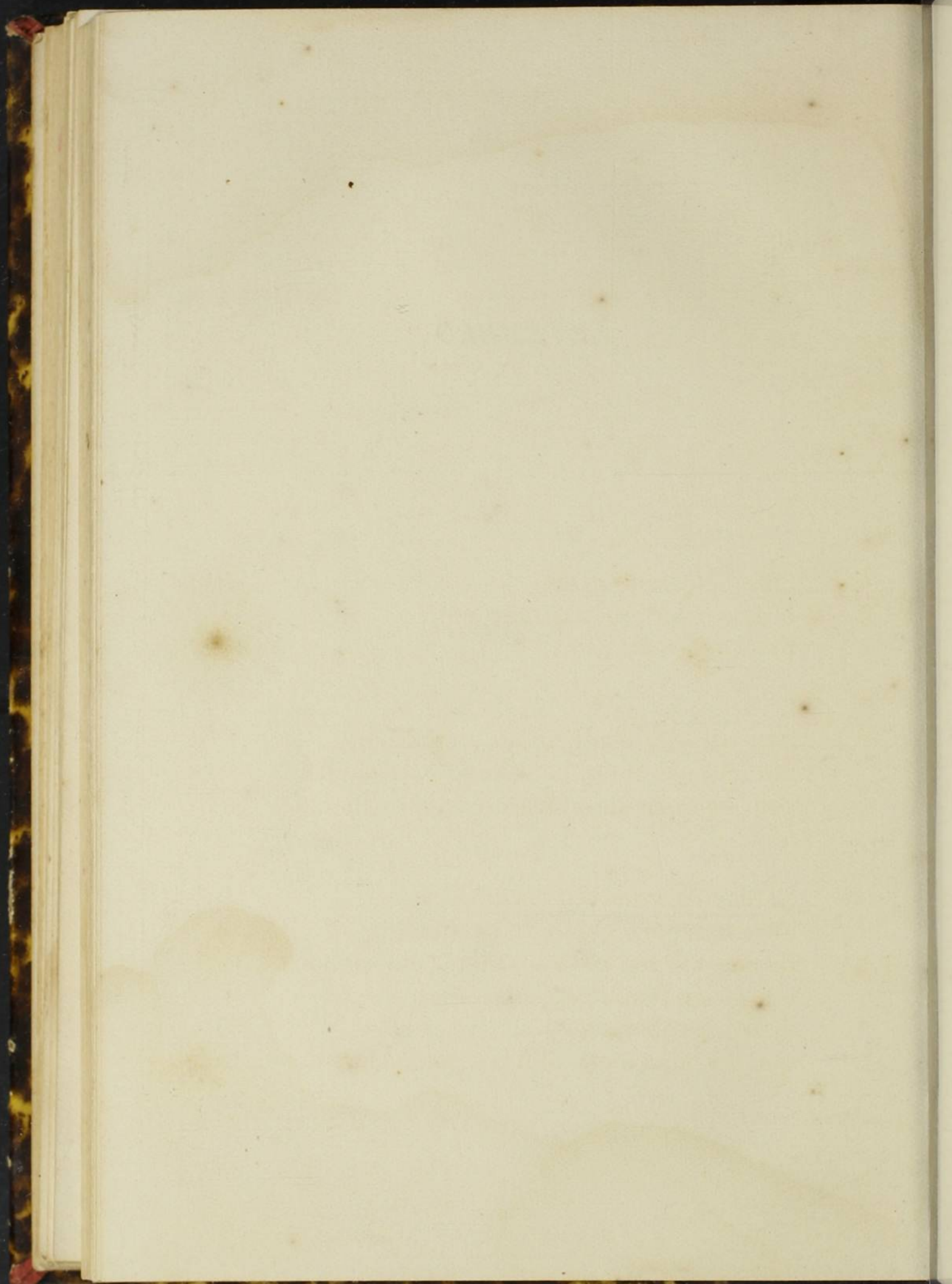
E o luar veste de violeta os namorados...

Mas os beijos perdidos,
— que resvalam p'las bocas amorosas
que se furtam receosas, —
ao cairem no chão, são convertidos,
por incanto do luar e dos amores,
em flores.

E se, depois, as raparigas belas
colhem, com vago enleio,
essas flores de mistério que florecem
e cujo perfume é brando,
ai, as donzelas,
pondo-as no seio, e scismando,
— impalidecem...



SETEMBRO



DAR!

Que beleza de gesto,
o das árvores todas ofertando
tudo que têm!

Seu coração magnânimo e modesto,
tão obscuro e tão bom, tudo está dando
com sorrisos de noiva e carinhos de mãe.

Setembro, com seu carinho,
abre o regaço cheio de produtos:
dá-nos a fôrça rôxa e ardente do vinho,
e a graça luminosa,
essa luz saborosa
que perfuma e que aloira a polpa clara aos frutos.

Na attitude das coisas se descobre
este esforço gigante e humilde: a criação...

Uma cêpa de vinha é uma mãezinha pobre,
consumida e torcida de aflição,
que sofreu e penou, chorou, obscura,
passou dias de luto e de amargura
e se fartou de chorar
para poder criar,
contra a sanha da geada e do escalracho,
o seu filho jovial e perfumado — o cachol!

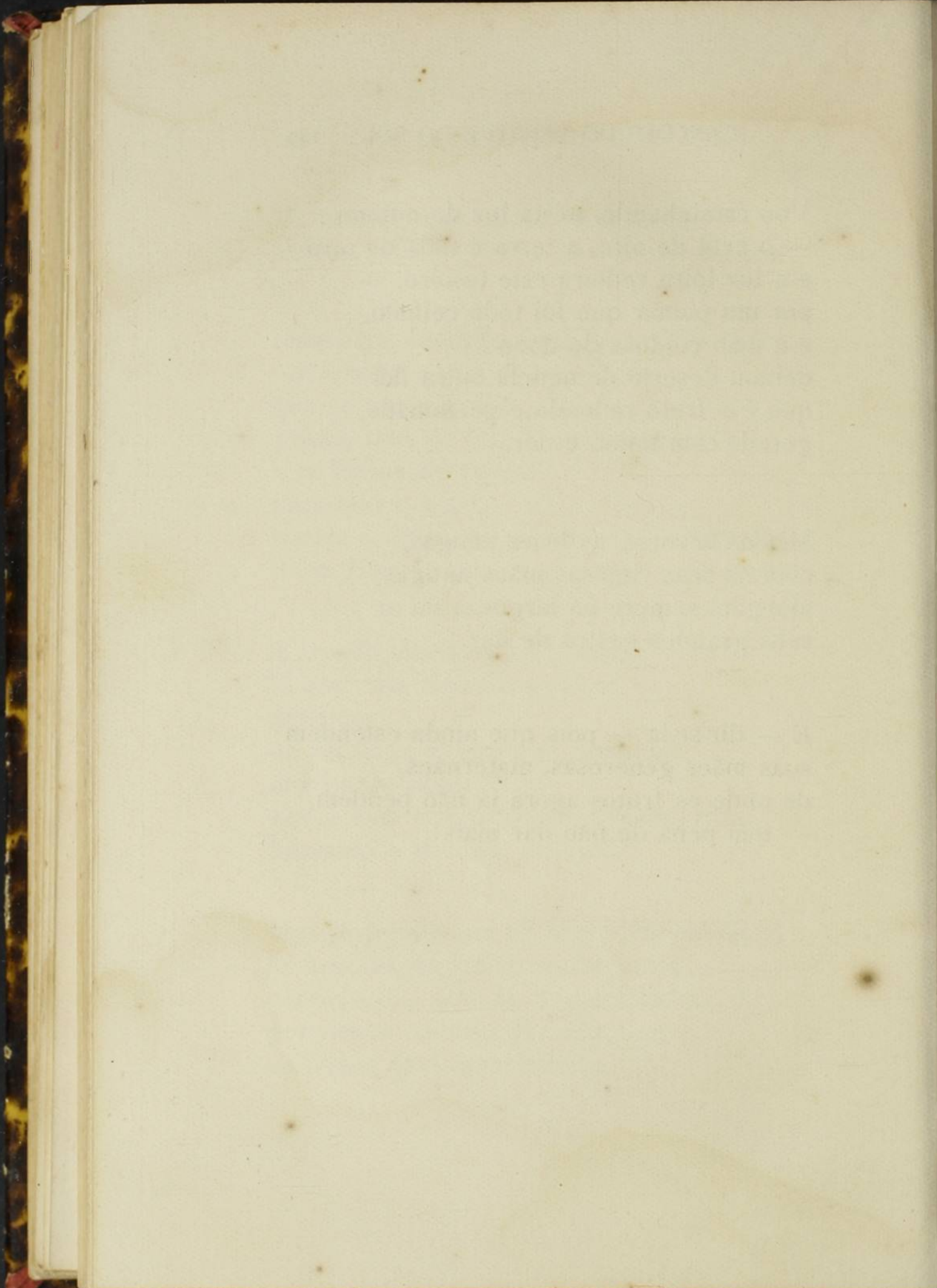
E aquela macieira adolescente
já tem essa risonha sisudez,
deliciosa!,
da rapariga alegre que presente
que ha de saber
que a vida é feita da alegria dolorosa,
vitoriosa e anciosa, de viver...

Mas já depois que os frutos são colhidos,
as árvores, as santas indulgentes,
sentirão dos seus corpos doloridos,
por ilusão confusa dos sentidos,
os frutos ainda pendentes.

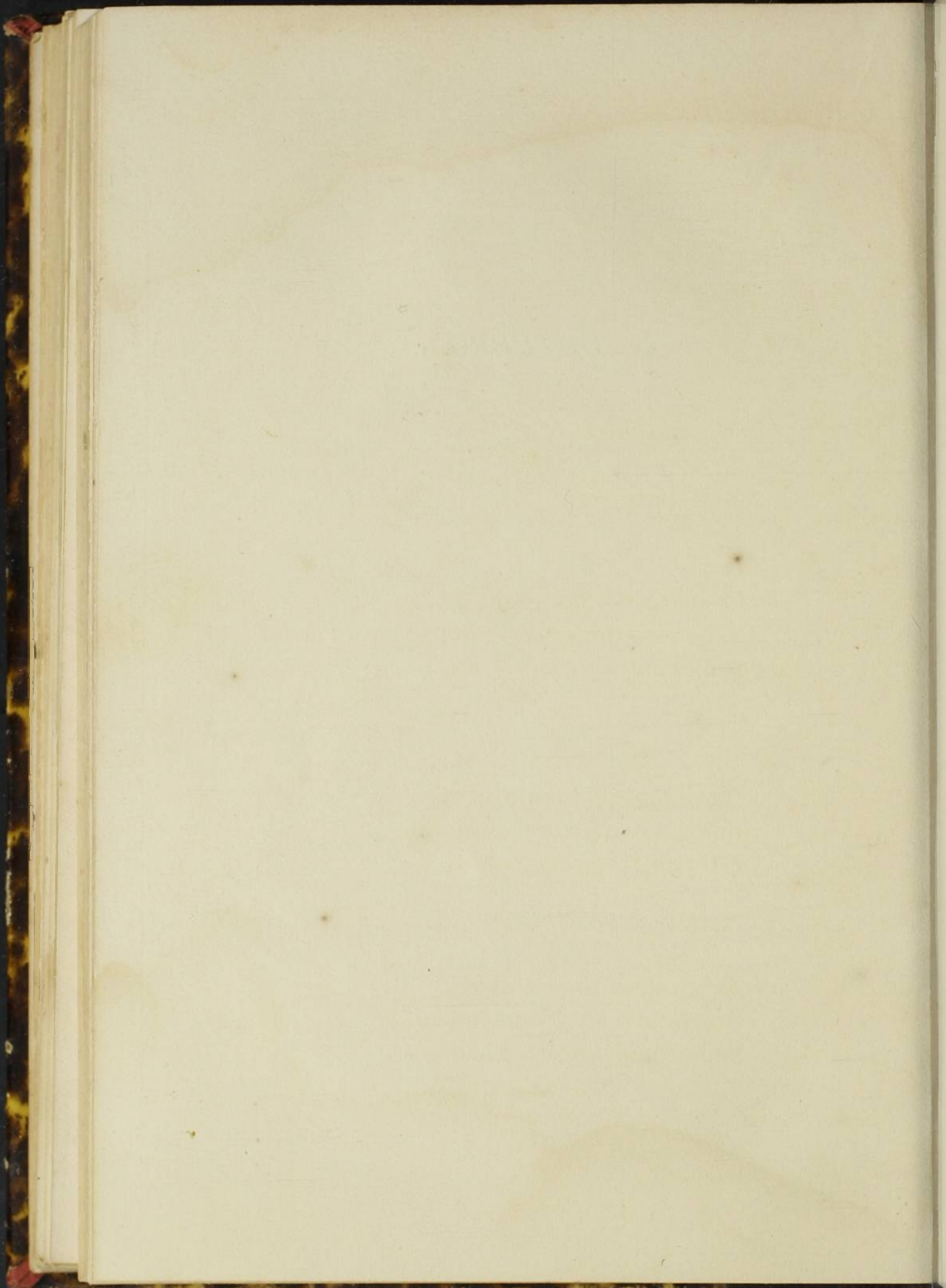
Vou caminhando, nesta luz do outono,
— o ar é de oiro, a terra é toda de oiro
e a luz loira redoira este tesoiro, —
por um pomar que foi todo ceifado,
e a mão cuidosa do dono
deixou deserto de aquela outra flor
que é o fruto redondo e perfumado,
gerado com mimo e dôr.

Mas as árvores, as leaes amigas,
com as suas rugosas mãos antigas,
alongam sempre na largueza do ar
seus grandes gestos de dar.

E — dir-se-ia — pois que ainda estendem
suas mãos generosas, maternas,
de onde os frutos agora já não pendem,
— têm pena de não dar mais!



OUTUBRO .



CANTO DA RÔLA

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

São os gemidos do vento
que se perdeu no caminho;
é o seu lento lamento.

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

O vento passa gemendo,
e as folhas secas são prantos
nas faces do ar correndo...

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

Nos ramos se inleia agora
o vento, que anda perdido
e, já de cansado, chora...

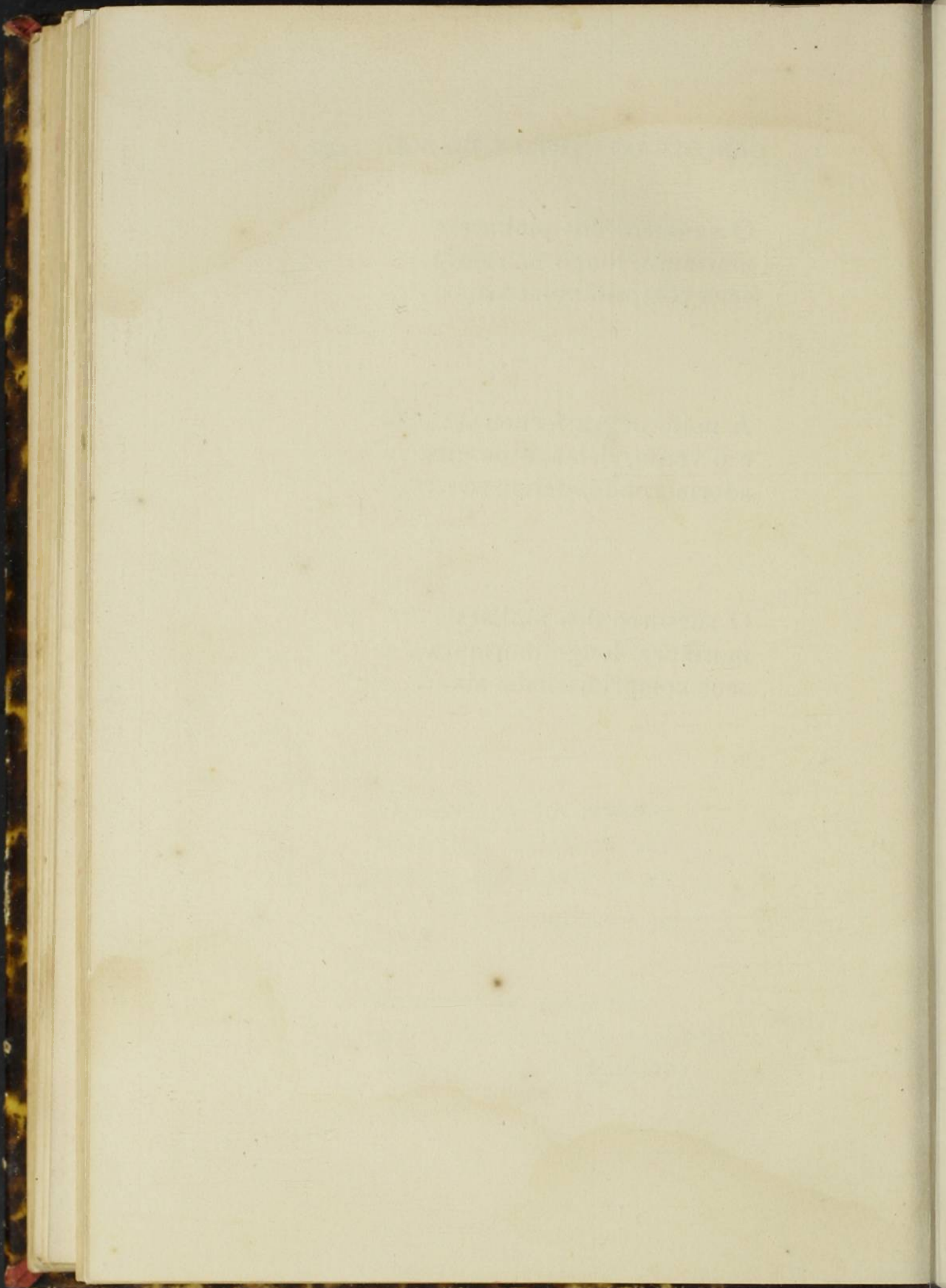
O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

Anoitece de mansinho:
e o vento pergunta aos ares
por onde fica o caminho?

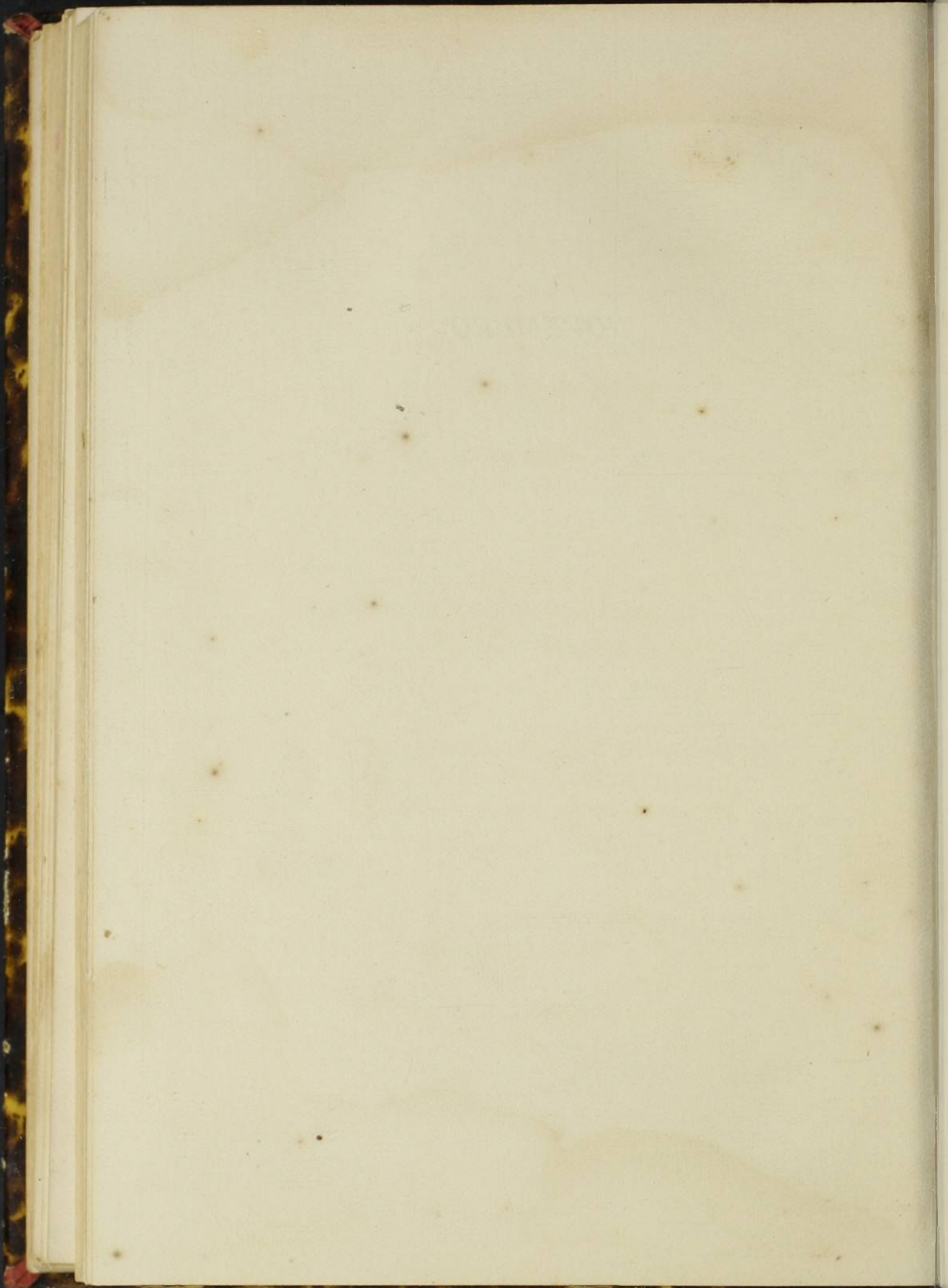
O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

A noite negra fechou-se:
e o vento, debaixo de ella,
adormecendo, deitou-se ..

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...



NOVEMBRO

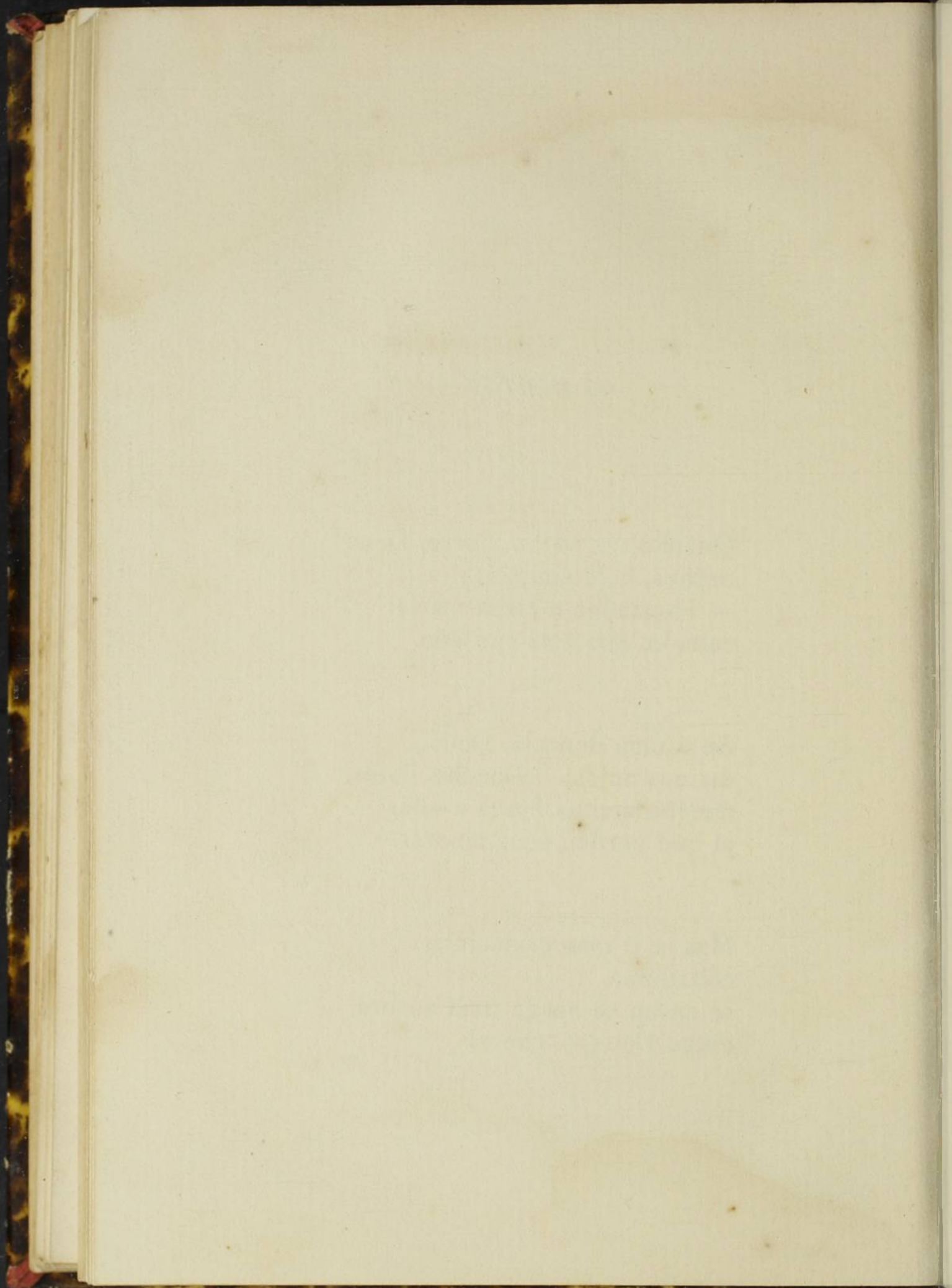


OS MORTOS

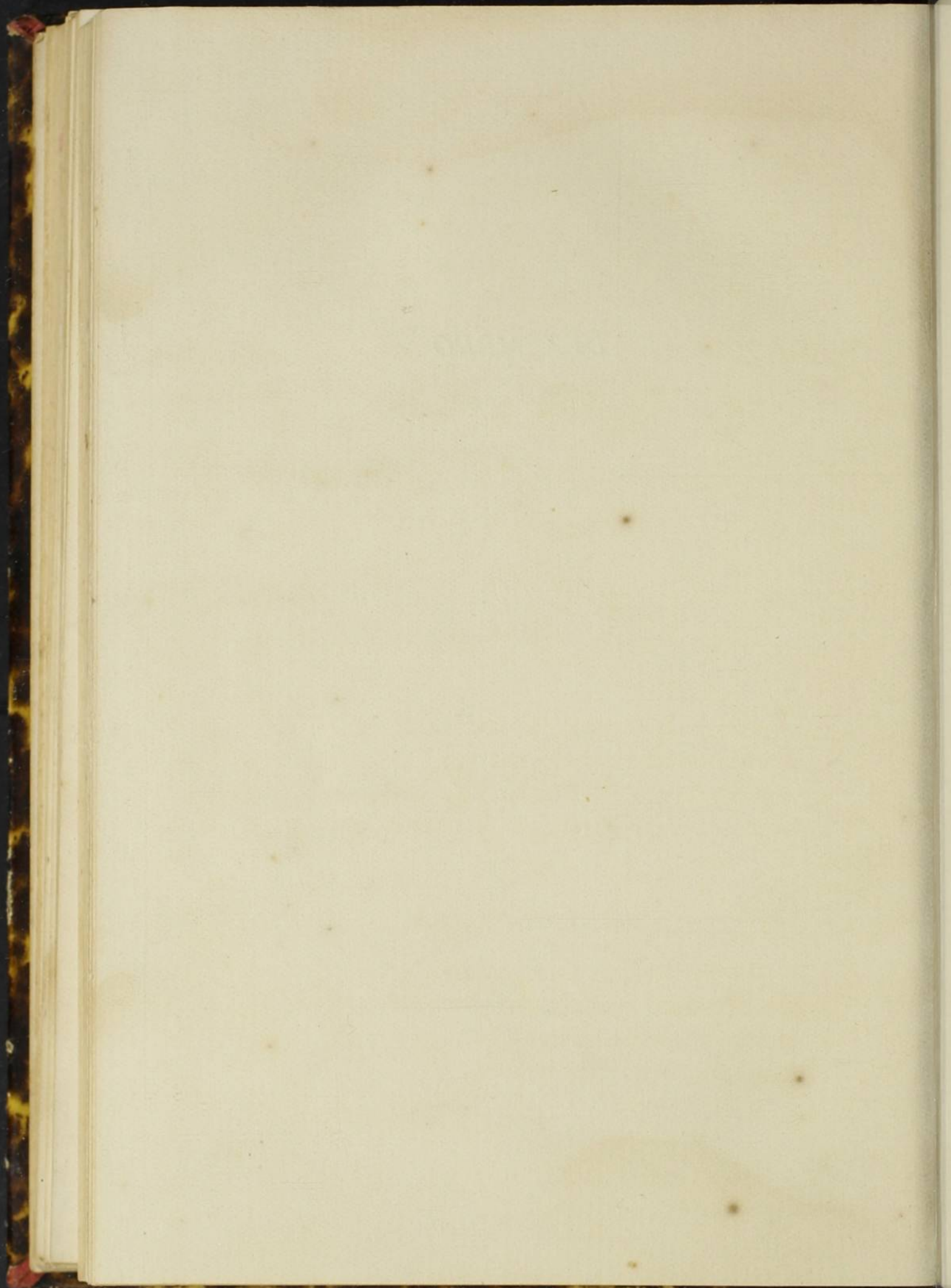
Quando um velho morre, Deus
ordena, com simpatia:
— Façam-lhe a cama macia,
coitado, que está cansado.

Se é uma donzela, Deus
diz aos anjos: — Dae-lhe flores,
dae-lhe muitas flores a ella,
já que perdeu seus amores.

Mas se é uma criancinha,
coitadinha,
se assim se apaga uma aurora,
então Deus — chora!



DEZEMBRO



O SONO

Agora, sob a terra, ao seu calor,
a vida dorme e repouisa;
e a terra canta, embala cada coisa
com seu canto materno e embalador:

— Ó chuva que estás caindo
do céu todo embaciado:
deixa dormir as raizes
um sono bem descansado.

Ó vento que estás ventando,
assoprando gemebundo:
deixa dormir as sementes
um sono doce e profundo.

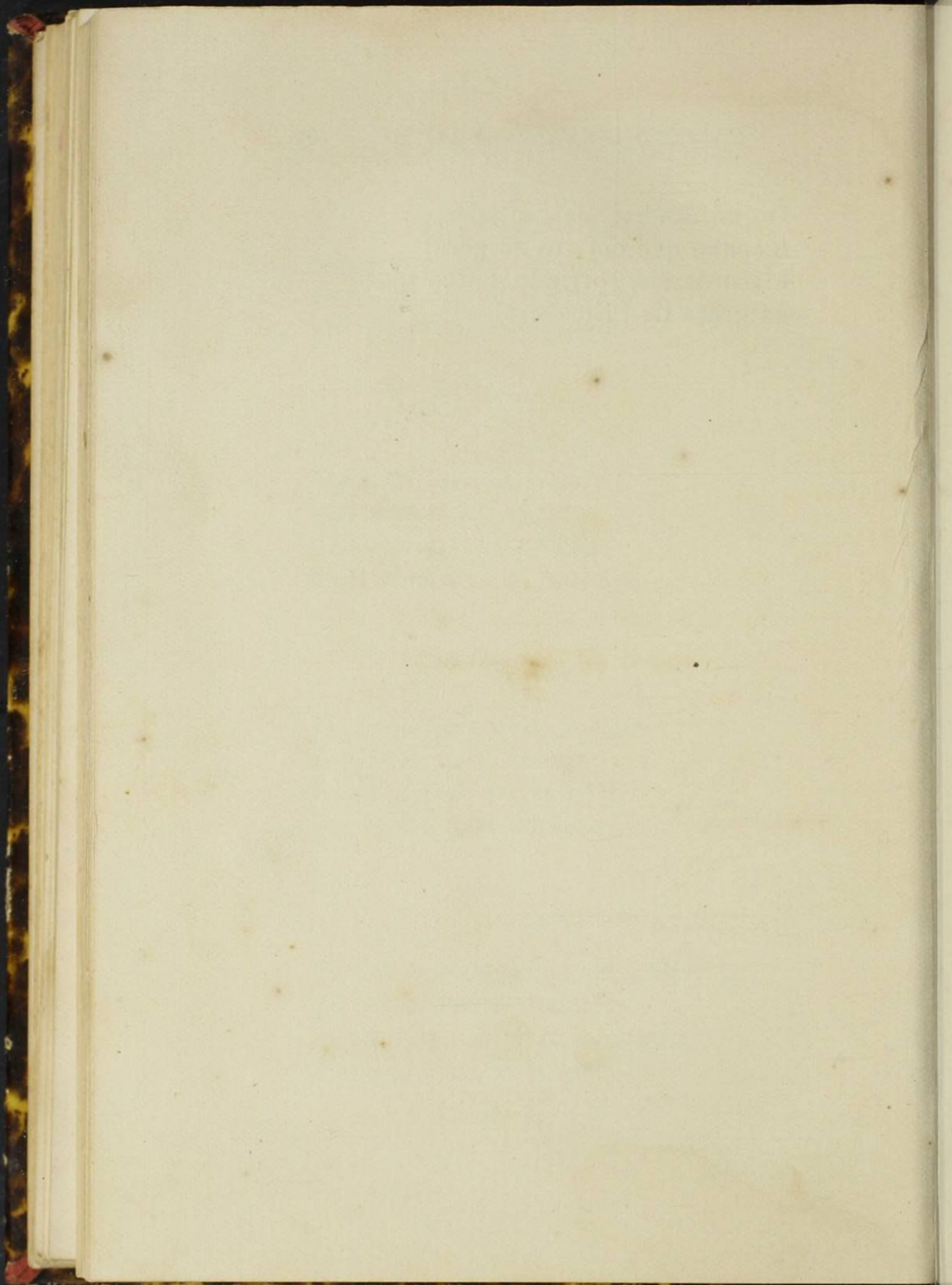
Ó geada que tudo cortas,
não afies o teu gume:
deixa sonhar as roseiras
co'as abelhas e o perfume.

Ó tempestade que passas,
não faças tanto ruído:
deixa sonhar as ramadas
um sonho todo florido.

Coisas que estaes ao meu seio,
dormi, dormi, e sonhae;
coisas que estaes ao meu seio,
donde a clara vida sae.

Dormi, sonhae, descansadas,
o sonho que em vós se gera:
e acordareis, sorrindo, aureoladas
na graça da Primavera!

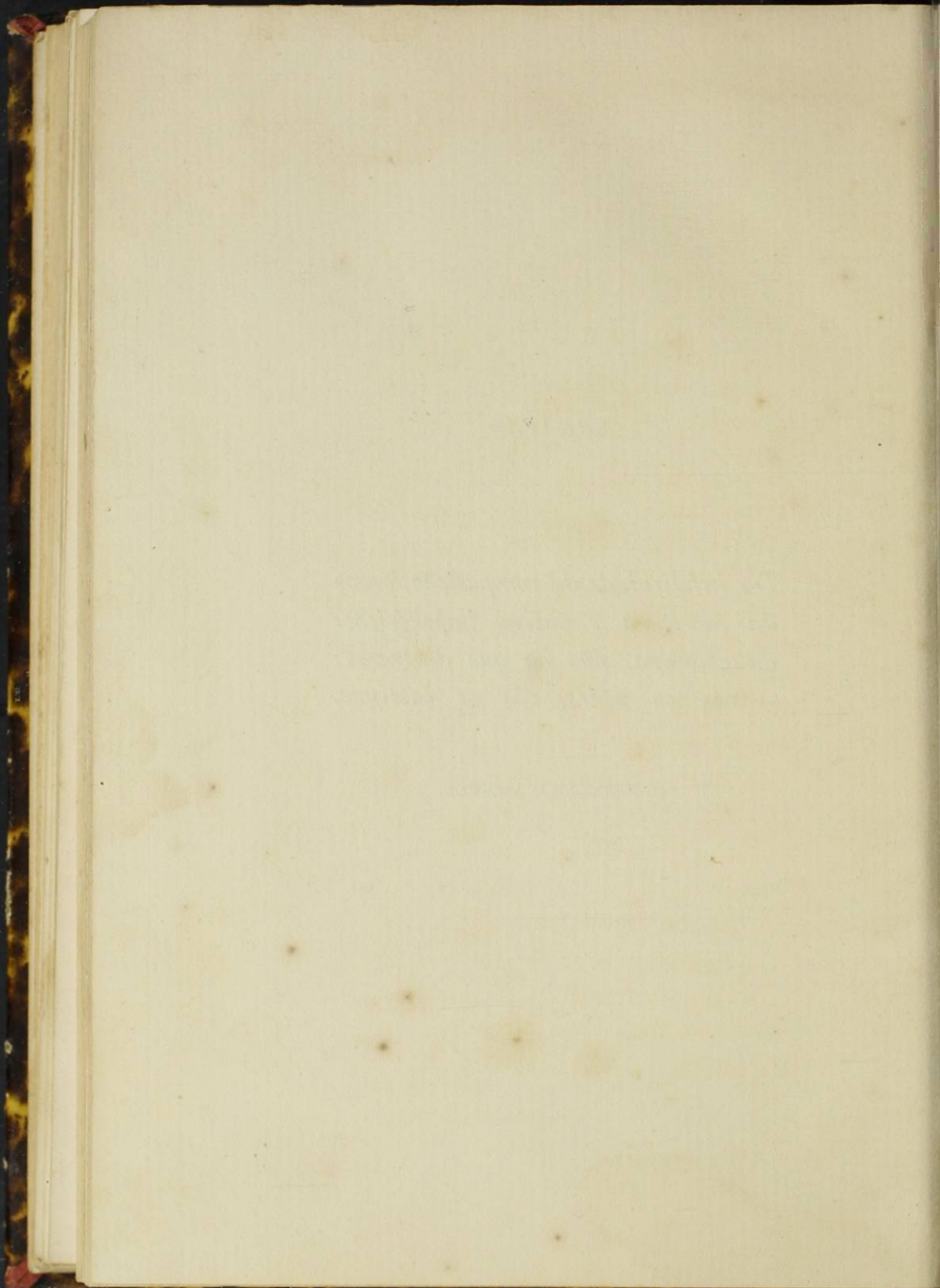
FIM



ERRATA

*Da infelicidade da composição, erros
da escritura e outras imperfeições
da estampa, não ha que dizer-vos:
— vós os vêdes, vós os castigae.*

D. FRANCISCO MANUEL.



Índice

<i>Vinheta da capa</i> , desenho de RAUL LINO	
DEDICATORIA	7
A morte das andorinhas	9
As velhas arcas	19
O boi á nora	21
Auto das badaladas	27
Balada do Mirandum	33
Lição na floresta	37
Lirismo no meu jardim :	
<i>As flores e a horta</i>	41
<i>Pobres</i>	45
Oração p'lo porco doente	47
O chale	51
Cantigas de amor :	
<i>Cantiga das flores do monte</i>	55
<i>Cantiga da lavadeira</i>	59
<i>Cantiga das tristes queixas</i>	61
Trabalhar	63

As estrelas	67
Sonho	69
Dansa do vento	71
Irmão Genebro	75
Canções do mar e da praia:	
<i>Ilhas de Bruma</i>	81
<i>Pêgadas na areia</i>	85
<i>Perfume</i>	89
<i>As gaivotas</i>	91
<i>Espuma</i>	93
<i>Cantares dos búzios</i>	97
As doze canções do Anno:	
<i>Elogio da neve, escrito ao Sol</i> ..	105
<i>A chuva</i>	111
<i>Adolescência</i>	115
<i>Cantar do melro</i>	119
<i>Novenas</i>	123
<i>A noite de San João</i>	129
<i>As fontes sêcas</i>	135
<i>O luar</i>	141
<i>Dar!</i>	147
<i>Canto da rôla</i>	153
<i>Os mortos</i>	159
<i>O sono</i>	163

